



edufersa

**MA
1º CONCURSO
CAM
LITERÁRIO DA EDUFERSA
BIRA**



Reitor

Rodrigo Nogueira de Codes

Vice-Reitor

Nildo da Silva Dias



Coordenador Editorial

Ayala Gurgel

Conselho Editorial

Ayala Gurgel

Keina Cristina Santos Sousa e Silva

Francisco Ernandes Matos Costa

Francisco Marlon Carneiro Feijo

Raphaela Vasconcelos Gomes Barreto

Andiara Araujo Cunegundes de Brito

Rafael Lamera Giesta Cabral

Ana Maria Pereira Aires

Yaskara Ygara Menescal Pinto

Fernandes

Victor de Paula Brandao Aguiar

Eldio Pinto da Silva.

Equipe Técnica

Francisca Nataligeuza Maia de Fontes
(Secretária)

José Arimateia da Silva
(Diagramador)

Capista e Projeto Gráfico

José Arimateia da Silva

Corpo de Jurados

José Roberto Alves Barbosa
Thiago Gonzaga dos Santos

Imagens

Ayala Gurgel

José Arimateia da Silva

Bibliotecária

Dalvanira Brito Rodrigues
(CRB-15/700)

Editora filiada:



Av. Francisco Mota, 572 (Campus Leste,
Centro de Convivência) Costa e Silva
Mossoró-RN 59.625-900 / +55 (84) 3317-8267
edufersa.ufersa.edu.br / livraria.ufersa.edu.br
edufersa@ufersa.edu.br

Organização
Ayala Gurgel

MACAMBIRA
1º CONCURSO LITERÁRIO DA EDUFERSA



2025

@ 2025 Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução ou adaptação deste livro com fins comerciais em quaisquer mídias sem prévia autorização do autor, na forma da lei (Artigo 184 do Código Penal – Lei nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1.998).

Esta obra, cujo conteúdo é de inteira responsabilidade dos autores, recebeu parecer mediante técnica de Avaliação Externa por Pares e às Cegas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Editora Universitária (EdUFERSA)

M114 Macambira : concurso literário da EdUFERSA / organização: Ayala Gurgel; autores : Sairo Raoní dos Santos...[et al.] – Mossoró : EdUFERSA, 2025. 122p.: il.

E-ISBN 978-65-87108-85-8



1. Literatura brasileira. 2. Crônicas 3. Poesias. I. Brillhante Júnior, C. C. II. Ribeiro, V. N. III. Santos Luiza, C. L. A. IV. Oliveira, L. M. L. V. Fernandes, K. S. S. VI. Silva, M. R. VII. Lopes, S. K. P. VIII. Souza, G. T. C. IX. Nascimento, R. V. S. X. Galvão, L. C. S. XI. Campos, M. A. XII. Sousa Neto, A. A. XIII. Silva, G. H. G. IVX. Maia, A. C. XV. Oliveira, F. F. XVI. Ferreira, M. S. S. F. XVII. Silva, E. P. XVIII. Silva, D. H. C. V. XIX. Santos, R. C. L. C. XX. Passos Junior, J. F. XXI. Oliveira, G. F. S. XXII. Mesquita, A. B. XXIII. Jacinto, V. M. XXIV. Silva, P. F. P. XXV. Guilherme, L. G. XXVI. Carvalho, G. L. XXVIII. Gomes, H. XXIX. Oliveira, A. K. D S. XXX. Santos, R.S. XXXI. Título.

UFERSA/EDUFERSA

CDD B869

Dalvanira Brito Rodrigues (CRB-15/700)
Bibliotecária-Documentalista

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
Ayala Gurgel	
 CRÔNICA	15
ROSA DE SAIRON	17
Sairo Raoní dos Santos	
O FUNERAL DAS HORAS	21
Carlos César Brilhante Júnior	
CONVERSA DE CALÇADA	26
Vanessa Nogueira Ribeiro	
A PALAVRA É O TÚNEL	29
Clara Luiza Alves dos Santos Luiza	
(RE)DESCOBERTA.....	31
Luiza Maria Lima Oliveira	
 POESIA	34
ACENOS À MINHA TERRA	36
Karla Simone da Silva Fernandes	
CATHARSIS À IMBURANA	41
Moacir Ribeiro Silva	
MEMORIAL.....	43
Sayonara Kaylanne Pacheco Lopes	
CADA PEDRA.....	45
Gustavo Tanus Cesário de Souza	
PAISAGENS EMOCIONAIS	48
Ruan Vítor da Silva do Nascimento	

CAVIDADE III	50
Lidiane Cristina da Silva Galvão	
AMAR, VERBO TRANSITIVO	51
Marcos Antonio Campos	
CONTRADIÇÃO.....	53
Aluízio Alves de Sousa Neto	
MAR ABERTO	54
Gustavo Henrique Gonzaga da Silva	
DEVOÇÃO	56
Aléxia Chaves Maia	
VIDA!	58
Fabricio de Figueredo Oliveira	
SENTIDO DA VIDA	60
Monique Stefhany Silva Ferreira	
INACABADO	61
Edson de Paiva Silva	



CONTO..... 64

C.P.I. NA FLORESTA.....	66
Diógenes Henrique Carvalho Veras Silva	
NO CARTÓRIO	75
Rayssa Cunha Lima Câmara dos Santos	
ATÉ QUE A MORTE NOS UNA	78
José Francisco dos Passos Junior	
CASTELOS DE AREIA	85
Glauco Fabrizio de Souza Oliveira	
O SANGUE DE UM POETA.....	92
Antonio Bezerra de Mesquita	
UM OLHAR ATRAVÉS DA JANELA... ..	95
Vanda Maria Jacinto	
UMBRAL.....	98
Pedro Felipe Praxedes da Silva	
PERDIDOS.....	103
Letícia Gondim Guilherme	

A OSTRA E A PÉROLA	107
Geovani Lopes de Carvalho	
CARTA PARA MIM	111
Herbert Gomes	
CAMINHANDO NO SONHO	118
Adla Kellen Dionisio Sousa de Oliveira	

APRESENTAÇÃO

Ayala Gurgel

Era uma manhã de quarta-feira, 24 de novembro de 2021, dia normal de trabalho e reunião da equipe editorial; desta vez, de corpo presente. Estávamos eu, Natália e Ari e contávamos com a presença do bibliotecário Mario Gaudêncio, que há pouco respondia pela coordenação da editora e foi de fundamental importância para a transição da gestão. O assunto do dia: avaliação do ano que finda e planejamento do ano vindouro.

Como a todo bom catingueiro, sempre que há prosa, há de ter um cafezinho, e desta vez não seria diferente. Café com bolo, para ser mais exato. Foi assim, que ao redor da mesa de trabalho com decisões a tomar e um ano a planejar, enquanto saboreávamos a rubiácea em aroma e paladar, tivemos uma ideia: a editora precisa se comprometer com a produção literária local.

Uma ideia dessa não surge sem antes um momento de reflexão. Nosso ponto de partida foram o Prêmio Jabuti e a situação das feiras e concursos literários no Estado. Falamos da existência de importantes iniciativas tomadas pela Editora da UFRN e do IFRN, mas não conseguimos identificar outras. Nossa sensação foi a de que, em se tratando da região oeste,

essa realidade parece ser mais crítica. O ponto de vista que formamos naquela ocasião e que para mim ainda se mantém é o de que o Rio Grande do Norte não tem uma tradição de concursos e prêmios literários que motivem e valorizem o escritor local, quiçá nacional. A EDUFERSA, como uma editora radicada no semiárido, não pode ficar alheia a isso.

Imediatamente, percebemos que tal situação se reflete em muitas outras: as poucas feiras literárias que temos possuem dificuldades administrativas e não conseguem empregar a população, mesmo os editores, tampouco representar os anseios literários locais; os estímulos literários são praticamente inexistentes e ficam restritos ao domínio do capital (de quem tem e de quem pode acessá-lo); não há nada marcante, como um concurso, prêmio ou festival que projete o Estado ou a região no cenário literário nacional, nem mesmo regional. Não há políticas públicas afirmativas para a descoberta de novos escritores, reforço dos já existentes e, principalmente, para a criação de leitores. O café começou a ficar amargo.

Nenhum de nós queria estragar o momento, mas algumas perguntas precisavam, e precisam, ser colocadas. Uma delas diz respeito à nossa natureza como editora: se somos uma editora científica devemos nos meter a publicar textos literários? Contudo, acreditamos que a verdadeira pergunta não deve ser formulada assim, mas: desde quando textos literários não fazem parte do universo científico? Quando foi que a literatura perdeu seu espaço acadêmico? Se somos algo que nasce e pertence ao semiárido, se pretendemos ser uma universidade radicada neste chão, não podemos dar às costas à literatura local, pois nada é mais marcante na caatinga quanto a poesia do catingueiro. É em verso e prosa que nossa história é contada, que nossa ciência é passada de geração em geração, por quem a vive e a canta, do seu modo.

Foi assim, entre um gole de café e outro, que surgiu a ideia de criarmos um concurso literário da EdUFERSA. E, mesmo antes de realizar o primeiro, já sonhávamos com a série, de modo que muito cedo passamos a chamar de I Concurso Literário da EdUFERSA, na certeza esperançosa do II, III e além.

A ideia foi levada adiante, primeiro entre nós, depois para o Conselho Editorial e no dia 13 de janeiro de 2022 à então reitora Ludimilla de Oliveira, que prontamente a acolheu e nos estimulou a prosseguir. Assim, no dia 17 de janeiro foi aprovado pelo Conselho Editorial em reunião ordinária o Edital 01/2022 da EdUFERSA criando o Concurso Literário da EdUFERSA, que se tornava, agora, um plano de trabalho, um objetivo a ser posto em prática, mesmo que faltassem alguns trâmites, como a publicação do Edital pelo Gabinete da Reitoria, o que veio a acontecer em 06 de julho de 2022.

Uma ideia como esta, quando se materializa, visa correria. E não é que achamos pouco e decidimos publicar o resultado do concurso em um festival: o Festival Macambira. Não se trata de pegar uma estrutura existente e aproveitar dela um espaço para a divulgação dos vencedores do concurso, foi algo mais ousado: criar um festival que não existia e, como se não bastasse, diferente dos eventos tradicionais na instituição. Um festival de três dias voltados para a literatura e artes, com música, dança, poesia, performances, produção de textos, feira de livro e artesanato e óbvio, como não podia faltar, lançamento dos livros da EdUFERSA. A empolgação estava a mil.

Formamos a Comissão Julgadora, que se prontificou a acolher o Edital e examinar os textos inscritos, e neste sentido somos muito gratos a José Roberto Alves Barbosa (UERN) e Thiago Gonzaga dos Santos que trabalharam com zelo e afinco para que o Concurso tivesse êxito. Que examinaram e emitiram parecer sobre as 45 obras inscritas, entre 27 poesias, 07 crônicas

e 11 contos. Ao mesmo tempo, corríamos contra o tempo para conseguir apoiadores, divulgadores, participantes, organizadores e parceiros para o festival. Nada podia dar errado, mas sabemos que “nada pode dar errado” é uma esperança tola de quem organiza algo deste tipo. O mais importante foi que superamos todas as adversidades e realizamos o I Festival Macambira nos dias 16 a 18 de novembro, nas dependências da UFERSA, no pátio entre a Biblioteca Central e o Restaurante Universitário.

Digo bem aqui para quem quiser saber: não foi um evento qualquer, é um marco na história desta instituição, uma celebração à bibliodiversidade. A EDUFERSA trouxe autores premiados nacionalmente, nomes locais, talentos mirins, expoentes culturais, grupos folclóricos tradicionais e, principalmente, público. O evento chamou a atenção e a imprensa local deu cobertura, os autores mostraram interesse e tanto clamam pelo resultado publicado quanto pelas próximas edições. Nossa obrigação foi fazer bem feito, e por ter conseguido, as pessoas querem mais, e merecem.

Embora sejam dois eventos distintos, na sua primeira edição, o Festival Macambira e o Concurso Literário da EDUFERSA viveram uma simbiose incrível no qual um alimentou o outro. Talvez seja bom que permaneçam assim. Quiçá, um dia este concurso vire prêmio, possa oferecer aos ganhadores mais do que uma publicação, como esta que agora a tem em mãos, feita com carinho e profissionalismo pela Equipe da EDUFERSA e organizadores do Concurso. Não custa sonhar, ter novas ideias e motivações em prol da cultura literária potiguar. Quem sabe o que pode vir com as próximas xícaras de café?

O Concurso também atraiu bons nomes, alguns velhos conhecidos da literatura potiguar e ganhadores de prêmios, o que nos enche de orgulho e agradecimento por ter seus textos

brilhantes ao nosso dispor e comporem esta publicação. Também trouxe autores e autoras estreados, alguns ainda estudantes, o que mostra a nossa vocação para a bibliodiversidade e o potencial literário que nossa região possui. Tanto a crônica quanto a poesia e os contos são perpassados por um espírito comprometido com a expressão do sentimento de uma gente, como um grito preso na garganta querendo sair, quanto com a linguística, a criatividade e vontade de ser lido. É esta vontade que motiva a muitos escreverem, que motivou alguns a participarem deste concurso e é esta mesma vontade o que espero que esteja em você ao tomar este texto em mãos. Tomara que ele crie em você o desejo de ser um leitor, mas também um escritor, nem que seja de uma linha, uma frase apenas, mas que desperte em alguém a vontade de ler.

A ideia que começou ao redor de uma xícara de café, tomou corpo e pode ter virado uma instituição, um marco para a nossa cultura, um marco para celebrar o potencial de leitores, leitoras, autoras e autores que temos, a riqueza de estilos e a vontade de contar nossas histórias; relatar nossos sentimentos. Ele só precisa continuar sendo estimulado. Quem sabe, como os autores e autoras que aqui estão publicados, essas pessoas não estejam apenas esperando o nosso próximo concurso?

Essa é a história que tinha para contar e que fará as vezes de prefácio; não sei se ela aconteceu exatamente assim, mas é como me lembro, é como fica na escrita.

CRÔNICA





ROSA DE SAIRON



Sairo Raoní dos Santos

Acredito que todo mundo tem desgosto do próprio nome em algum ponto da vida. Não importa que nome você tem, mais cedo ou mais tarde a adolescência lança uma de suas crises inexplicáveis sobre sua alcunha e você passa semanas ou meses reclamando sobre isso, simplesmente porque foi isso que a chuva de hormônios colocou na pauta. Só mais uma caixinha pra marcar na lista de baboseiras adolescentes. Eu não lembro de ter me revoltado com o meu primeiro nome, mas meu nome composto foi motivo de choro e ranger de dentes por um bom tempo. Ora, “Sairo Raoní”, que sentido isso faz? Reza a lenda que mamãe queria me chamar de Rafael, Gabriel, Daniel, algo assim. Minha tia queria que eu me chamasse Sairo e minha avó queria que eu me chamasse Raoní. Mamãe, um anjo de candura, possivelmente querendo envolvê-las na experiência do milagre da vida, abdicou de seus direitos de nomeação e resolveu me chamar de Sairo Raoní. Nenhum dos dois nomes me incomoda de forma individual, mas a combinação parece um pouco aleatória demais.

Raoní eu sei que veio do índio. Isso foi estabelecido tão logo eu comecei a perguntar qual era a história por trás do meu nome. Ninguém sabe direito de onde saiu o nome ‘Sairo’. Minha

finada avó me dizia que esse era o nome do irmão do namorado da minha tia (???) na época. Minha tia não confirma isso, e a explicação mudava um pouco sempre que eu pedia para vovó esclarecer. Mamãe não faz ideia e papai não teve participação nenhuma nesse processo de tomada de decisão. Aparentemente ninguém parou pra pensar direito antes de nomear aquela pobre criança. Talvez tenha sido por isso que eu resolvi estragar o reveillon de todo mundo em 1990 e nascer na madrugada de primeiro de Janeiro. *Paying it forward, bitches*. Por ser um nome simultaneamente incomum e parecido com vários outros nomes e palavras, os enganos e apelidos baseados nele por todos esses anos são incontáveis. Jairo (quase toda comanda em bar ou restaurante), Cairo (menos comum), Zairo (o cara que me alugou uma casa em Mossoró por oito anos e o rapaz que me atendeu na primeira vez que fui a uma pizzaria hare krishna vegana), Sário (inúmeros amigos de infância), Sauro (muitas mães e avós de amigos), Saulo (alunos de todos os gêneros e faixas etárias)... Escolha sua grafia favorita ou invente uma nova e saiba que alguém já me chamou disso ou escreveu meu nome assim. Uma das minhas favoritas é 'Sário Raionir', que é como está escrito no meu cadastro no hospital da minha cidade natal.

Geralmente, esses enganos não me incomodam. Já aconteceram tanto que eu estou calejado. Infelizmente, porém, minha mente não funciona de forma linear e uma das coisas que mais a incomodam é exatamente uma das grafias incorretas mais comuns. Essa me persegue sorratamente há anos. Comecei a perceber o quanto ela era inescapável quando estava no último ano do Ensino Médio. Uma colega que tinha a letra linda escreveu meu nome no meu caderno, cheio de adornos, com letras caprichadas, coraçõezinhos e tudo mais. Foi ali que começou a perseguição de Sairon.

No início, me pareceu um engano como qualquer um dos outros. Não foi problema algum corrigi-la e até nos rendeu umas boas risadas naquele dia. ‘Quem é Sairon, Denise? Meu nome não tem N no final, é só Sairo mesmo.’ Risos. Acontece. Mas o cerne da questão era bem mais profundo que aquilo e logo ficaria bem claro. Não foi imediatamente óbvio pra mim naquele momento, mas a forma como falamos, talvez o sotaque nordestino, faz com que os sons de ‘Sairo’ e ‘Sairon’ sejam indistinguíveis. E assim, com o passar do tempo, encontro cada vez mais gente que acha que meu nome é Sairon. Amigos que me conhecem há anos, parentes e até colegas de trabalho que veem meu nome por escrito diariamente (o colega que divide sala comigo! Tem meu nome escrito na porta junto com o seu, homem!)... Aos poucos eu vou descobrindo uma pequena multidão na minha vida que se relaciona com esse tal de Sairon, não comigo.

Depois que eu me tornei professor, Sairon passou a me incomodar mais que nunca. O número de e-mails que eu recebo falando com o ‘Prof. Sairon’ não está no gibi. A situação chegou a um ponto tão sério que agora, quando eu vou dar aula pra uma turma de novatos, uma das primeiras coisas que eu escrevo no quadro da sala de aula depois de me apresentar é ‘Sairon’ com um grande X cortando o N. E enfatizo que aquele erro é muito comum e que eu gostaria que todos o evitassem. E que, mesmo assim, no final do semestre eu ainda ia receber e-mail falando com o Sairon. E essa profecia se concretiza toda vez. Ora, até mesmo no Messenger, do *Facebook*, há quem escreva Sairon, e tem meu nome escrito certinho logo ali no topo da janela.

De vez em quando eu consigo passar alguns meses sem ser incomodado por esse N injustificável, mas ele sempre dá um jeito de voltar e marcar território. Só pra deixar bem claro que ele está logo ali, pode me dar um susto na próxima esquina.

Sempre vou lembrar de uma das situações nas quais eu tive mais certeza de que isso vai me perseguir pelo resto da vida. Por um período relativamente breve, entre dezembro de 2013 e março de 2015, eu me viciiei em Pump It Up, aquela máquina de shopping sobre a qual pessoas desavergonhadas, bonitas, inteligentes e boas de cama dançam seguindo uma sequência de setinhas que aparecem na tela. Estava eu jogando na máquina do shopping em Mossoró num domingo à tarde quando um cara mais ou menos da mesma idade que eu pediu para jogar comigo. Claro que pode, por que não poderia? Jogamos por quase uma hora, revezando a escolha da música e conversando nos intervalos entre partidas. Estávamos nos dando muito bem. Antes de irmos embora, resolvi que talvez valesse a pena adicionar aquela pessoa nas redes sociais — podia sair uma amizade dali, não é mesmo?

“Ei, me diz aí seu nome pra eu anotar aqui e te procurar nas redes?”, eu pedi. (Sim, passamos mais de uma hora pulando, compartilhando suor e passando vergonha no meio do shopping e não nos ocorreu perguntar o nome do outro até a hora de ir embora.) “Claro. Fulano de Tal.”, ele respondeu. “Beleza, vou anotar aqui e te adiciono.” “E o seu, qual é?” “Sairo. Sairo Santos.” Ele puxou o celular para anotar também, suponho. Abriu o aplicativo que considerou adequado para tal tarefa, depois levantou os olhos do celular para olhar de volta pra mim e perguntar: “Com m ou n?” Nunca o adicionei ou segui em lugar nenhum. Ele também nunca me adicionou. Deve ter procurado por Sairon. Pois bem.

O FUNERAL DAS HORAS



Carlos César Brilhante Júnior

Domingo à tarde é o período dedicado ao ócio. Buscar não fazer nada é religiosamente a prática de qualquer pessoa que se digne achar minimamente sensata, em meio à confusão semanal que já desponta no horizonte das segundas de desgosto aflitivo. No balanço de uma rede, com o agradável mormaço das duas da tarde do semiárido mossoroense, resolvo perambular pelas plagas congestionadas das redes sociais, deixando tristonho na cabeceira e na estante os autores que tanto me aguardam para um diálogo reflexivo. Tive a sensação que a cada olhada na tela artificialmente azulada de um celular, pudesse estar fazendo com que os ossos inertes de um poeta se movimentassem em protesto memorial.

Sempre me incomodou a falta de brasilidade dos conglomerados virtuais, que insistem em tratar todos os países como províncias coloniais americanas. Num emaranhado de “*stories, feeds, likes e directs*”, pensei em talvez algum tupiniquim desapontar o *Zuckerberg* e criar uma rede social tipicamente nossa. O símbolo da logomarca seria a carismática carinha de um vira-lata caramelo, em sua completude de revirar sobras e beber água de esgoto. A interação se daria como em uma típica roda de conversas jogadas em uma calçada, de assuntos

que vão desde à comoção do debate político nacional ao mais novo par de chifres da vizinhança. A cada ermo transeunte, uma sentença incriminadora, logo aveludada pela culpa de remorso beato, “Quem somos nós para julgar?”.

Em um simples passar de dedos no celular podemos nos enveredar do mais inútil assunto, aos rumos da guerra na Ucrânia, sempre com opiniões abalizadas em vídeos de um minuto, recebidos aleatoriamente por um tio bonachão que insiste em burocraticamente repassar toda e qualquer tipo de bizarrice, do mundo cão à uma explosão de flores coloridas de bom dia, regadas a uma batida romântica dos anos perdidos.

Assisti quase que invasivamente o vídeo de uma senhora que no alto de seu suv, de último modelo, parada ao volante, reclamava pelo fato de estudantes estarem fazendo um protesto pela democracia, alegava estridentemente que a arruaça atrapalhava o trânsito e atrasava a sua chegada em um compromisso. Parecia que a democracia para ela fosse um mal menor a ser eliminada de sua frente, e que poderia ser descartada tão pronto a sua chegada à manicure não se realizasse. Alegava ser patriota e pagadora de impostos, mesmo que a taxaço sobre grandes fortunas ainda não existisse, ou o fato de que preferia passar as férias no exterior, em desprezo funesto por ser este um país “de terceiro mundo”. Dizia ainda ser cristã, mesmo que do seu vocabulário saísse as mais medonhas sabujices, e tivesse impulsos de atropelar um adolescente.

A outro passar de dedos, ainda traumatizado pela cena anterior, vi um casal de jovens que me passavam a impressão de só se alimentarem ricamente de frango, batata-doce e algum suplemento vitamínico de embalagem duvidosa, que alegavam conter todos os ingredientes necessários para o consumo diário. Estavam realizando uma série de exercícios físicos em um galpão, utilizando instrumentos pouco convencionais, como

pneus, cordas, e cones. Lembrei dos colegas borracheiros, pescadores e agentes de trânsito, que se orgulhariam da projeção e status que suas tarefas diárias tinham ganhado nas redes. Fiquei feliz pela criatividade, embora extenuado pela cena, minha coluna agradeceria mais as batidas de pé na parede, embalando o vai e vem da tipoia, enquanto deixava uma pequena nódoa na pintura já craquelada.

Um pouco absorto, assisti ao dia a dia de uma mulher que se intitulava blogueira, mesmo sem blog ou o capricho da escrita. Ela falava sobre o cansaço de sua rotina que envolvia desde dezenas de amostras de looks, defronte a um espelho gigantesco, que denotava ainda mais a fadiga dessa guerreira celetista. Pensei que no futuro a classe poderia se unir e criar um sindicato para evitar desmandos, como meras permutas de sanduíche ou ainda de serem forçadas a propagandear produtos de garantia curtíssima, como relógios digitais descartáveis ou facetas dentárias (que faziam inveja ao mais potente alvejante sanitário), de não terem mais que fazer dancinhas ao som de uma batida maçante e agitada, invejando ao mais exímio membro do Balé Bolshoi.

Em seguida, em mais uma zapeada, assisti um agora senhor de meia idade, que me rememorava algum cantor popular dos anos noventa, em sua prédica estimulante de *coach*. Falava sobre como traçar metas de vida e insistentemente explicava porque o seu seguidor ainda não estava rico. Mesmo talvez tendo herdado as empresas de seu pai, não administrava-lhe o fato do grande abismo social e dos problemas estruturais de nossa sociedade. O problema para ele era a falta de investimento em capitais financeiros, mesmo não tendo a mínima noção de qual era o preço do litro do leite ou de um pacote de feijão, efemeridades que talvez ele não vislumbrasse. Para ele, o grande fator determinante de uma vida próspera era o recitar de alguns mantras de atração cósmica que fariam a vida

do seu aluno destravar para um novo horizonte de perspectivas, tudo isso ao preço módico de suaves prestações que levariam a metade de um salário mínimo, na compra de seu curso. Aliás, para ele, o sucesso era uma questão de merecimento.

Vibrante depois do estímulo, fui lançado a um sermão de um homem que se denominava apóstolo. A estética era reacionária, mas fiei no princípio da liberdade religiosa para dispor a ele um pouco mais da minha atenção. O discurso me fez lembrar um pouco o do *coach* de outrora, dessa vez cercado de um misticismo ritualístico que confiava a minha “vitória financeira”, a compra de um tal de azeite santo advindo exclusivamente do Monte das Oliveiras. O líquido deveria ser aspergido no meu ambiente de trabalho e na minha casa. Recuei da oferta, seja pela aversão ao método, seja pela impressão de que aquela aspersione impregnaria nos móveis e no chão, ao ponto de estragá-los pela tentativa da limpeza posterior. A preguiça da faxina me fez despertar para o quão distante aquele método neopentecostal estava da realidade do Evangelho aprendido no Sermão da Montanha. O tom belicista do pregador me fez meditar ainda nos acordes da Oração de São Francisco, e na incompatibilidade das mensagens. O ranço se instalou definitivamente, quando ele começou a tecer sobre seu patrimônio, saúde e invencibilidade. Me perguntei se o apóstolo “João Midiático” suportaria o peso de sentar na mesa do Cristo, comer o pão do seu corpo, beber do sangue da sua aflição e sofrer o destino de martírio dos outros discípulos.

Depois dessa quantidade de cenários e interações, me senti como que numa obra expressionista de Munch, deslocado da realidade do que vira, absorto em um espiral de angústia e ansiedade. Na minha divagação de fim de tarde, as redes estariam fadadas a produção de uma sociedade menos humana, no sentido de não se estabelecerem laços construídos através da verdade do ser e da convivência afetiva de uma conversa

prazenteira. O olho no olho jamais haveria de ser substituído. Depois do catastrofismo inicial, atinei de que elas possuísem também virtudes quando bem administradas. Talvez se seguisse uma regra beneditina de horários para adentrar neste metaverso, e o resto do dia para viver o tangível ao nosso redor. Se, para o ilustre Raul Pompéia, no seu clássico da adolescência, o tempo seria a ocasião passageira dos fatos, acrescentaria atrevidamente que o ócio nas redes é o “funeral para sempre das horas”.

CONVERSA DE CALÇADA



Vanessa Nogueira Ribeiro

Estava entediado. Trancado na minha casa, sem possibilidade de sair e sem possibilidade de ter nenhuma interação humana que não fosse virtual. Logo numa manhã tão perfeita, num sábado onde me parece que a vida entra em um ritmo mais enérgico, descontraído, tudo fica mais colorido. Me sobra olhar, da porta mesmo, a movimentação da vizinhança. Moro num bairro popular, bem tranquilo, de gente boa que já mora a muito tempo no mesmo lugar. Para a minha sorte, duas vizinhas dão uma pausa na sua atividade corriqueira de varrer a calçada e começam uma conversa desprezível:

— Mulher, *tu* soube que o filho de seu Joaquim da rua lá de baixo faleceu?

— Soube sim. Um menino tão novo, tão bonito. É uma tristeza. Quando essa doença vem, ela *num* quer conversa.

— A vida tem mesmo dos seus mistérios, *num* é!? O povo nunca tinha imaginado que passaria por um negócio assim. De repente, o povo todo estava numa mesma enrascada, e ao mesmo tempo cada um na sua própria casa. Querendo fugir da morte, todo mundo se *infurnou dendi* casa para a mazela

não encontrar ocasião, mas nem imaginavam que encontrariam os fantasmas de uma alma mal zelada.

— E o triste, foi que teve gente que nunca deu o último adeus; gente que foi a Deus com a esperança de um dia puder voltar para os seus. Criança que perdeu seus pais e pais que nunca puderam conhecer suas crianças. Triste demais!

— Mas a vida prega cada peça *n'agente*, *num* é!? Enquanto que o menino de seu Joaquim morreu, teve idoso de cem anos que ainda teve a proeza de vencer o "*bixo*" desbancando o viço da juventude.

— Sem contar no medo, *bixinha*. A gente não sabia o que danado era isso que estava acontecendo. Quando a gente pensava que tava começando a conhecer alguma coisa, as mulher do jornal vinha e dizia que a gente *num* sabia de coisa nenhuma.

— Apesar de todo o sofrimento e dificuldade, deu para ver umas coisa boa, *num* foi!?

— Teve gente que tirou de onde *num* tinha para ajudar os vizinhos e até ajudar quem nem conhecia.

— Mas também teve gente que tirou do que não era seu sabendo que era para gente que não tinha de onde tirar.

— Mas muita coisa voltou já voltou a ser como era antes, graças a Deus!

— A gente tirou aquelas bendita máscara, que ninguém aguentava mais.

— As *bixas* impedia *d'agente* respirar. Ave maria faltava era o fôlego.

— É mulher, o problema hoje em dia é as “máscaras” que dá para usar no dia a dia. *Cá para nós*, já vi foi gente que ficou um doce no tempo que tava com medo de morrer, mas agora... O problema mesmo é aquelas máscaras, sabe? Àquelas que passa muito tempo e ninguém nem percebe e possa ser que nunca ninguém nem descubra. Que no fim, elas são mesmo é uma das *pior desgraça* da raça humana...

— É mesmo. Esse mal, *num* tem vacina no mundo que acabe.

A PALAVRA É O TÚNEL



Clara Luiza Alves dos Santos Luiza

Certo dia estava conversando com meus amigos na calçada da minha casa. No entanto, ao observar uma determinada situação, senti que o mundo ao meu redor não existia. Sabe quando você está no mais profundo sono? Encontrava-me nesse estado, a vida estava acontecendo, mas eu não estava ali. Sentia-me anestesiada, não ouvia e nem enxergava qualquer coisa ao meu redor.

O que vi foram duas crianças cavando um túnel no chão, elas abriam um profundo buraco sobre o chão. Meus amigos continuavam a prostrar, porém, não conseguia me desvencilhar daquela situação. Sempre que olhava aquela brincadeira mais me desligava de tudo. Quanto mais o tempo passava, mais as crianças cavavam o buraco e desapareciam, chegou ao ponto de não as ver. Fiquei desesperada vendo elas sumirem. Então, percebi que elas embarcaram em uma jornada e estão à procura de descobrir algo, pois o tempo passava e elas não emergiam.

Com o passar do tempo, percebi que elas morreram, pois a terra que elas haviam retirado do túnel havia desmoronado sobre elas. Fiquei imaginando o tamanho do desespero de morrer soterrado, sem sentir cheiro e sem ver absolutamente nada.

Contudo, me enganei ao pensar que elas partiram para sempre, elas embarcaram em uma longa jornada. Após chegarem ao destino, encontraram uma porta no final do túnel, abriram essa porta e deram de cara com outra realidade, esse espaço era ainda mais profundo do que o grande túnel que eles haviam enfrentado, era uma enorme cratera escura, o lugar mais profundo que se pode imaginar. Depois de vagarem dias e mais dias, sem terem um destino, conseguiram encontrar a superfície. Enfim, podiam ver o mundo novamente, mas não sair.

Dessa forma, decidiram procurar alguma saída daquele lugar angustiante. Após longos dias e noites vagando, procurando saída, eles se depararam com outra realidade. Enxergaram algo que poderia ser a saída, tinha a forma de um túnel, todavia, eram letras embaralhadas. Para saírem daquele lugar, eles teriam que percorrer um longo caminho encaixando-as. Nesse momento, meus amigos me chamaram com um enorme grito de “acorda”. Então, voltei a “realidade”. Ou será que estamos todos mortos?

(RE)DESCOBERTA



Luiza Maria Lima Oliveira

CORONAVÍRUS, COVID-19, SARS, desde a descoberta do vírus, o mundo vive o medo, fobia, o adoecimento mental, achatar a curva salva vidas, uma luta para combater o vírus que assola a humanidade. No dia 11 de março de 2020, a covid- 19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde – oms como uma pandemia. Doença de rico, confirmado primeiro caso de coronavírus; homem de 61 anos dá entrada no hospital Israelita Albert Einstein, com histórico de viagem para Itália. O Brasil já tem Milhares de casos confirmados pelo contágio comunitário, e a população pobre é quem mais sofre. **É QUARENTENA, FIQUE EM CASA!** Haja contradição nisso tudo. Como um morador de rua vai ficar em casa? Como um trabalhador que levanta às 4h da manhã, que é submetido a um sistema escravocrata, que está na linha de frente para o enriquecimento de quem pode ficar em casa? Imigrantes venezuelanos vão às ruas pedir esmolas para não morrer de fome, malabarista vai para o semáforo fazer malabares para garantir comida na mesa. 29 de maio, às 5h da manhã, 15 famílias sem teto foram acordadas por tratores e máquinas. Pelo direito de ter um teto para “ficar em casa”, manicure vai ao condomínio de luxo salvar as unhas da sinhazinha que se encontra em quarentena, a mulher negra, empregada doméstica, vai passear

com o cachorro da madame. Como ficar em casa? Enquanto isso... vinte mil reais falaram mais alto. **MÁSCARA SALVA, ÁLCOOL EM GEL, LAVAR AS MÃOS.** E onde falta água? Onde não tem saneamento básico? Como fica essa população? **ISOLAMENTO SOCIAL**, a população não contribui, **DISTANCIAMENTO SOCIAL**, tá difícil, **LIVE**, informação chegando, a onda pegou, **AULA REMOTA, AULA A DISTÂNCIA**, e onde falta a internet na periferia? Quem não tem computador em casa? Quem não tem condições de ter um aparelho digital? Menino de 13 anos usa wifi de açougue para poder estudar durante pandemia, sem internet em casa, estudante sobe em árvore para captar sinal e assistir aula online. **ENEM** adiado por reivindicação dos estudantes, **FAZER O DIFERENTE**, professora do Ensino Médio cria estratégia para que seus alunos que não têm acesso à internet, mas não deixem de fazer suas atividades. Ministro da saúde é demitido por desobedecer as ordens do presidente, por defender que o isolamento social pode evitar o contágio do COVID-19. **AUXÍLIO EMERGENCIAL**, trabalhadores informais em busca de ajuda para manter a renda familiar. Mais um Ministro da saúde contratado em plena pandemia, e não concordando com o uso da cloroquina, sai antes de completar 30 dias. **MÍDIA** vai até as famílias de classe média alta averiguar como estar sendo a quarentena, e a periferia? Como se encontra diante desse contexto? Como ficar dentro de casa onde se mora em um cômodo que abriga 8, 10 pessoas da mesma família? População pobre passa fome, sofre com o atendimento no SUS, Manaus empilha caixões, colapso no sistema de saúde, mortes, hospital de campanha, UBS prioriza atendimento para o covid, e a população como fica sofrendo com outras patologias? O comércio deve fechar e não as unidades básicas de saúde, valas coletivas, profissionais da saúde morrem salvando vidas, **POVOS TRADICIONAIS: indígenas:** corona vírus de lado, invasores de outro, *Quilombolas* enfrentam a pandemia sem fornecimento de água, *campo e floresta*; pandemia sufoca agricultura familiar. **PANDEMIA**, é uma ameaça invisível que soma negros, gênero, indígenas, pobre,

população do campo, moradores de rua, sem teto, quilombolas e trabalhador, tosse, falta de ar, todos os sintomas do covid-19, movido pelo medo, ansiedade e desespero, **VIOLÊNCIA**; adolescente negro é assassinado por policial na comunidade de São Gonçalo. Miguel, 5 anos de idade cai do 35º andar de um condomínio de luxo, enquanto sua mãe passeava com cachorro da patroa, e delegado diz: “*foi um acidente*”, após uma noite de plantão, médica não consegue dormir com o barulho do som que seu vizinho resolveu fazer uma festinha particular, e é brutalmente agredida por querer apenas descansar, **ATENDIMENTO ESSENCIAL**, bancos reduz atendimento, farmácias limita o número de pessoas, supermercado; uma só pessoa por família, **MORTE**; população morrem por falta de leitos, milhares de família choram a perda, mulher trans morre de covid-19 por falta de atendimento por ser HIV positiva, empregada doméstica morre de covid, transmitida pela patroa que viajava de férias pela Itália, “somos setenta por cento da população que vai morrer. E daí? lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.” **RE**descobrir, **RE**inventar, **RE**estruturar, **RE**viver, **RE**existir, **RE**significar, o prefixo **RE**, **RE**acende a chama da esperança para um momento de **INCERTEZAS**, **IMPOTÊNCIA**, **ANGÚSTIA**, **DESESPERO E SOFRIMENTO**. Para o vazio do silêncio descobrimos novos palcos, **SOLIDARIEDADE**; **TODOS PELA SAÚDE**: empresas fazem doações de milhões na compra de insumos para hospitais, grupo de voluntários faz campanha na arrecadação de alimentos, álcool em gel, máscaras para população carente e em situação de vulnerabilidade. **DESI-GUALDADE SOCIAL**; diante da conjuntura do país, a explicitude e ratificação de que no Brasil a desigualdade social é estrutural!

POESIA





ACENOS À MINHA TERRA



Karla Simone da Silva Fernandes

1. PALAVRA

Nasce a palavra,
palavra vaga,
Sem a forma da flor, o sorriso da criança.
A palavra linda,
Que amarra meu amor e enche o espaço,
som do sentido,
Linguagem que as flores não têm.

2. HÁ MAR SE

O que de mais sagrado possuis na vida?
É o teu corpo.
Este não se entrega assim
Porque não há troca
Naquilo que desesperadamente procuras.

O que de mais sublime há no amor?
O outro.
Mas o outro,
Este está além, ao teu lado.

E a verdadeira plenitude do ato,
É o teu próprio amor.
Janela sagrada,
Onde só assim pudesse ser visto.

Então não se engane
Com as coisas que o corpo sempre soube.

3. CORES

Luisa
Dá o “Tom”
Cores do arco-íris.

E fez
De pontes diáfanas Iridescente meu caminho.

Ela quem traz
O calor nos cabelos
E o mar contido no olhar.

4. DINÂMICA

Música
É quando,
O pensamento tira o som para dançar.
Porque tudo
Passa
Pelo corpo.

Palavras ditas pelo corpo
São como tijolos
Inspirados
Pela matéria sonora,
Que cria,

Algo.
Que pari,
Algo.
Que te devolve ao lugar,
Que te é de origem.
Dissolvido nas entranhas
Do coração.
Um acorde díssono,
Que assim agora,
Pode falar.
A sintaxe da vida,
A conversa do amor.
A direção do uníssono,
Novamente
E novamente, o díssono.

5. O CORPO DA PESSOA AMADA

Beijar a pessoa amada
Achá-la novamente
Em teu corpo.
É lembrar-te dos gostos infantis
Da ausência de objetividade
Das coisas em si mesmas,
Divinas coisas.

Beijar a pessoa amada
É sofrer de nostalgia
Desesperar-se na ideia
Desta
Que irás perder.
Para reencontrá-la
Outra
Na espera
Num futuro.

Porque em todas elas
Encerra-se o teu corpo,
Já traduzido
Por todos os objetos de prazer
Inutilidades
Injustificáveis
Desta vida.

6. MANOEL

Poeta é falconídeo de asa sem nervo
Que voa no olhar
Do tratador surpreso
A poesia que ele nunca esqueceu
"Poesia é voar fora da asa"

7. REUNIÃO

Sou lápis preso
Indo adiante de mim mesmo
Através de poesia
Preso por uma inveja linguística
Da asa da gaivota errante

Um dia
Esse homem criador
Deixará de marchar suas palavras
Reunião com a coisa
Cairá no silêncio
E haverá apenas
Saudade dessa poesia invejosa

8. VULCANO

Às vezes as coisas não cabem no meu peito
elas se remexem demais.
Aí tomo um copo d'água
expiro forte.
Coloco um CD da nação zumbi
só meu corpo pensa
o peito acalma.
Às vezes cantar funciona
ser outra pessoa também.

Dizem os astros que sou do ar
acho que os astros não sabem de nada.
A terapeuta me comparou ao impulso de Clarice
acho que ela me conhece melhor que os astros.

Um copo d'água sempre funciona
Deve ser meu peixes,
Os astros devem saber de qualquer coisa ordinária.
Isso tudo de astros, dias, selos, tendências é babaquice.
O que vale é o copo d'água
água do mar divina água
todo tipo de água
água da boca
água na boca
Ponto

CATHARSIS À IMBURANA



Moacir Ribeiro Silva

Ao mestre bonequeiro

GARRANCHINHO

Evoé! Troveja minh'alma simbioticamente atada aos florais
de chita e ao aroma ancestral daquela imburana
As alegorias – a minha imagem e semelhança – solfejam
uma cantorina inaudível aos vivos: “eu sou o que sou
Ainda que não foi
Ainda que não seja”
Tropeço em Molières cálidos teimosamente e com espíritos
de angico
Que fiam o riso em seus teares latentes de sangue e de dor.
Não há penumbras!
Há somente um Deus pondo seus totens numa empanada
imagética (re) criando as suas fobias
as suas coragens
as suas bênçãos
as suas maldições
Desconstruindo a sua divindade destronada
Tudo são sagrado e profano no mesmo instante
E noutro instante, separados pelo bisturi da dúvida
Ou será pelo sassarico lírico de Bocage a Gregório de Matos (?)

Em sua epigênese
Sentem-se notas tropicais de Gonçalves: Dias e da Silva
Entre silvos de sabiás e patativas

O que dali viceja
Purga-me da (semi) aridez fantasiosa dos não líricos!
Recrio sertões-caleidoscópios
Montado em cavalos de jurema preta.

Entre
Casimiros visivelmente pícaros
Joões-redondos socialmente invisíveis
Calungas sagradamente coloridos
Babaus artisticamente destemidos
Mamulengos incrivelmente autônomos
Há uma sinergia ínsita!
Uma indecifrável arte (ou será artimanha?)
que nos parte
e amotina
Um breviário humano
Em que se peleja com jiboias,
barbatões,
jaguares,
assombrações,
lendas,
e maus patrões!

MEMORIAL



Sayonara Kaylanne Pacheco Lopes

Num sábado colorido
Brotou num pé de angicos
menina alegre e vívida
entre dores e gemidos
Fruto de um amor drão
De solidão deprimida
Centro de uma separação
Assim conheceu a vida:
Silenciosa e dolorida
mas o bucolismo ainda lhe acudia
Tornou-se então sua energia
E de ciranda em ciranda
A depressão fez-se companhia
E a mesma criança
que amou a folia
O festejo do interior
Chorava naquele dia
Enquanto se despedia da dor
Naquele dia acinzentado
O pé de angicos, por um fio
Foi de vez arrebetado
E sem mais gemidos, sem mais dores

Arrebentou-se-lhe a alma
E o corpo sofredor
A folia fez-se calma
a avolia lhe abraçou
E a infeliz fidalga
Filha de um curto amor
Encurtou também sua vida
Para não esquecer-se o sabor
do bem-querer e da magia
que a tristeza lhe arrancou
A dormência existencial
Estendeu-se aos seus tecidos
e findou tihoso agror
Como minha despedida
meu poema de amor
Peço a vós que essas flores
Bonitas, cheias de vida
Não sejam para colorir uma lápide
Mas sim os ais, a corrida
De meus pais, de meus amigos
Que seguem ainda no ardor
da rotina severina
e quando as flores murcharem
morrerem, descansarem
que as deixem sem temor
pois já é outro dia
E esse escrito de melancolia
Perdeu seu redator
Que sucumbiu à melodia
De um descanso acolhedor

CADA PEDRA



Gustavo Tanus Cesário de Souza

Cada pedra que sou
— pedregulho nos caminhos dos mesmos;
acidente geomorfológico de uma rocha;
atirada a intrusão na língua vernácula;
objeto voador bem identificado por crianças –
quem sabe não sejam tanto pedras
talvez obra, que era

Cada pedra que sou
— ingrediente de massa para edificações;
ponto de apoio para pensamento;
alicerce unitário de um coletivo sustentáculo;
ponto passado de uma pavimentação quando movimento –
quem sabe se teria tanto ângulo,
talvez obtuso, por vezes confuso

Cada pedra que sou
— sólido, fragmentado como parte, erodido como calcário,
valiosa a peça de quartzo fumê.
Matéria composicional,
rocha, rochedo ou lápide,
pedra de sal,

pedregulho de granizo, peça de xadrez,
às vezes sem vez

Pedra fundamento e tal:
fina, filosofal;
pedrinha miudinha
pedrinha
de Aruandaê,
lajedo tão grande de Aruanda ê
miúda que alumeia;
gira pedra na laje,
torrão, calhau,
hão na vau

Números cantados em sorteios, de azar,
Com vistas na sorte;
Pedras, perdas, pedras.
Cálculos afins, seja em corpo,
seja em performance,
dos quadros e enquadramentos para lito- gravuras
Cada pedra que se atira contra o quadro

Pedra de amolar, de cantaria,
pedra de isqueiro, pedra.
Pedra de toque, seixo, lascada, refratária,
toda pedraria.
Pedra lavada, polida,
esta fraga firmeza
Ou penedo ou burgau,
de afundar nau

Quem sabe que pedra,
incômodo líquido e definitivo,
plasmática,
esta afronta de mãos e pernas,

arremessadas cabeças
de pedra,
em destruição,
que estilhaçada vitrine do mesmo,
estira o bodoque,
ao corra-se de supetão,
dos amigos em infâncias;
Que em perda,
como alguma pedra,
vive-se como lançamento,
ao redescobrir o questionamento
do sólido, pela ação,
dos estiramentos

Signo sob signo,
plano sob plano,
penhasco debaixo de penhasco.
Desfiladeiro ao chão.
Cada pedra que
sou
cada pedra

PAISAGENS EMOCIONAIS



Ruan Victor da Silva do Nascimento

Tantos pés, tantos passos... à mercê do ocaso.
Sob o meu passo lasso finda tempo e espaço
Até que já sem passo por um mar congelado,
Não por ser frio mas por não ser olhado, vago.

Entre cristais de sal hibernados avisto este papel,
Ao acaso:

“Penso, mas é por sentir que eu existo.
Meus olhos são concha achada na Praia,
Cisto a germinar no seio de Gaia
Desde Urano gerar: ninho do Mytho.

Corpo pantomimo, não ‘stou em ti só!
Tantos sou em morar-me o primevo ar
Que faz de mim canção em seu transpassar.
Se para e me calo, sou de nada o pó.

No Carbono-rio natimortos manam
Da, em Eva aberta, maldita fonte.
Sensações em púcaros os entornam

E bebem! Ébrio em nós o Horizonte,
São alma os desatinos, que um nos tornam.
Sou céu e mar, sou tudo que me encontre.”

Você me deve ser então, camarada.
Mas quando te encontrei, quem me encontrava?

CAVIDADE III



Lidiane Cristina da Silva Galvão

Lavou e arrumou o cabelo
Como se algum evento a esperasse.
Perfumou e cuidou de cada canto
De seu corpo num olhar entusiasta.
Era a melhor fragrância disposta
Em seu armário penetrando sua pele.
O dia inteiro soaram músicas,
Trilhas aleatórias em médio som.
A casa parecia aguardar visita,
Mas ela fez a cama como de costume.
Conversou com à noite numa poesia.
Ela vestia o pijama novo,
De cheiro gracioso como o seu lençol.
Abraçou o travesseiro e o que pairou
Na mente enquanto o sono
Vagarosamente avizinhava.
Chorou por não saber como escapar,
De novo, da razão de sempre;
Daquilo que o amor nos inquieta.
Dormiu sobre cada ponta,
Cada caco de peito que restou dela.

AMAR, VERBO TRANSITIVO



Marcos Antonio Campos

Amar é poema molhado
Onde há curvas por pintar
Sonetos no flutuar dos olhos
Canções dormindo nas nuvens
No ir e vir dos corpos
Ora pra cima
Ora pra baixo
Ora-pro-nóbis
Como diz: Mallarmé:
“Um jogo de Dados”
Aceitam-se os falos da língua
As palavras indecentes
As palavras incandescentes
Aceitam-se até as parábolas
Beliscões, tapinhas, mordidas.
O amor é jogo criativo
Aceitam-se artigos definidos
Os brinquedinhos
Aceitam-se até pronomes na orgia,
Eu o amo, eu a amo,
Bem definidos no claro ou no escuro,
Mas não se aceitam preposições,

Nem os pronomes oblíquos.
Tudo flui até a conjugação do verbo
Jorrar incendiária na boca dos amantes.
O criado-mudo boquiaberto
Escutando o que não quero contar
A cadeira de braços abertos
Sem nos compreender
Os sapatos a nos observar
A toalha enrolada sem saber o que dizer
Os lençóis envergonhados
Sem saberem esconder
Do ato copulativo, “a ternura mais funda”.
Quando a luz da lua invade o quarto
Para observar o nosso prazer,
Tocamos com os olhos
As cordas dos nossos corações
E dedilhamos os seios
E as florestas negras
Iluminadas pelas duas bandas da lua.

CONTRADIÇÃO



Aluizio Alves de Sousa Neto

A riscar o seio da rua,
Um homem livre
A pedalar e cantarolar,
Passa...
E nos punhos da bicicleta sua,
Carrega, pelas jaulas calado,
Um pássaro engaiolado
Deixando em frangalhos
Os corações das calçadas.

MAR ABERTO



Gustavo Henrique Gonzaga da Silva

Na ilha deserta de ausente luar
Avistei ao longe o resplandecer de teu olhar.

Na longínqua estrela irradiante
O meu coração solitário vaga errante.

Enquanto no convés o vento uivante
Arrebata a face a todo instante.

Em minha alma árida a chorar
Sinto seus doces lábios a me acariciar.

As alvas ondas a arrebatarem as velas
São suaves flechas de altaneiros sentinelas.

Aprisionando meu coração
Neste mar sem perdão.

Ó Poseidon, deus de tanta ingratidão!
Afasta-te com tua eterna solidão.

Leve consigo as tuas Quimeras

E deixe-me morrer abraçado a ela.

Ó mar, supremo mar!
Que honroso seja o meu lutar.

Que Hermes, mensageiro de terras distantes
Traga consigo a deusa de olhos brilhantes.

A iluminar minha nau insinuante
Que singra o oceano tão mareante.

Ó mar, insano mar!
As lágrimas que derramei não de lhe manchar.

Mas em teu dorso hei de atar crua cela
E domado ficarás sob eterna tutela.

Na ilha de implacável guardião
Hei de aportar a impetuosa embarcação.

E, enfim, repousar em mareante prisão
Entrementes, libertar-me-ei do deus do furacão.

Para novamente enfrentar a infindável refrega
Com o imortal onipotente que a todos desespera.

Ó mar, eterno mar!
Que não seja eterno o meu penar.

Para que no meu peito venha sempre a brilhar
A impávida chama reluzente que me faz amar.

DEVOÇÃO



Aléxia Chaves Maia

Serei preguiça sobre o teu colo
E completa entrega a cada beijo

Serei festa no teu sorriso
E dança a cantar teus passos

Serei pressa nas tuas chegadas
E demora para que te retires

Serei delírio sobre teus sonhos
E encaixe em teus afetos

Serei surpresa ao desnudar teu corpo
E encantamento ante tuas manias

Serei Sol sobre a tua pele
E queimadura sobre o teu fogo

Serei ousadia entre teus segredos
E desejo entre a tua boca

Serei perigo ante tuas fugas
E malícia entre teus querereres

Serei doçura sobre teus cantares
E devoção ao que nos for história

VIDA!



Fabricio de Figueredo Oliveira

Plantar é um ato de amor!
Solo, semente, adubo, água, cuidado!
Um broto, primeiras folhas, flores e frutos.
Rega diária, no início, sem grandes falhas
faz nutrir forte o broto visível.

Depois de um tempo, revolver a terra, aerar o ambiente
Po-da-se aqui, antepara-se ali, reergue, segura, calça!
Sozinha não, não se segura mais.
Precisa de ajuda.

Peso demais, carga demais precisa de mais...
Tempo!
Raiz enrijece, caule endurece e fica de pé,
s e m e s f o r ç o.
Sol bate forte, vento retorce, nem muita chuva derruba.
Cresceu com firmeza!

A colheita que chega, traz alegria,
o fruto na boca, adocica a vida.
Do fruto à semente, o ciclo é refeito.
Reinicia!

Não é só sobre planta, é também sobre gente
Trocando a semente por um humaninho,
folhas os braços, os frutos os abraços
que chegam no ninho.

O ciclo é incrível,
Peso demais, carga demais precisa de mais...
Tempo!
Pé enrijece, corpo endurece e fica de pé,

Tempo que passa, dos pais a certeza
crescer com firmeza!
Da energia levada, transferida aos filhos,
c o m e s f o r ç o.

Olhando uma vida neste jardim.
Tem alegria, tristeza e carinho
pode ser planta, pode ser gente
vida que segue o próprio caminho.

O que mais importa
É que em alguma hora, semente dá fruto
E fruto a semente, o ciclo repete
com o nome de VIDA!

SENTIDO DA VIDA



Monique Stefhany Silva Ferreira

O singular propósito do Ser
evidencia a sua natureza.
Como o som do piano a irromper
ao manejar as teclas com firmeza.

A meta satisfaz-se no sofrer,
não dá para escapar dessa certeza.
Não obstante o modo de viver,
tudo resultará em gentileza.

Cristo disse: “carregue a sua cruz
se assim quiserdes ser meu seguidor,
pois nas trevas serei a sua Luz

e, em sua vida, seu Mestre Senhor.
Jamais duvides de onde Eu te pus
e das Minhas palavras de amor.

INACABADO



Edson de Paiva Silva

Não sei se estou certo
Ou talvez errado
Me sentindo incerto
Ser inacabado

Relendo um poema
Até publicado
Vejo algum problema
A ser consertado

Olhando no espelho
Dias estou branco
Outros sou vermelho
Ou verde palanco

Dias sou o mal
Dias sou o bem
Dias sou o tal
Dias sou ninguém

Dias te rodeio
Dias te difamo

Em uns te odeio
Em outros te amo

Um dia saudade
Outro solidão
Em um claridade
Noutro escuridão

Num dia emoção
Noutro recolhido
Um dia em tensão
Noutro derretido

Dias tô perdido
Dias tô achado
Noutros sou vendido
Noutros sou comprado

As vezes tô fraco
Outras estou forte
Um dia sou saco
Noutro sou suporte

Dias vejo a morte
Dias vejo a vida
As vezes sou corte
Outras sou ferida

Dias sou enredo
Dias fantasia
Dias tenho medo
Noutros euforia

Qualquer fantasia
Muda minha mente

Pois sou, cada dia,
Um ser diferente

CONTTO





C.P.I. NA FLORESTA



Diógenes Henrique Carvalho Veras Silva

PRIMEIRO DIA

Brasília, aeroporto internacional. Kaòba Xavante desliza a maleta até o portão de embarque. Atrasado, corre e junta-se aos outros. Cruza a porta envidraçada e caminha devagar vários metros na pista. O vento fresco lhe acaricia a pele. Sobe a escadinha da aeronave militar e entra no avião. Cumprimenta os colegas. A seguir põe sua maleta debaixo da poltrona, apruma a máscara cirúrgica no rosto e se senta o lado de um deles com quem mantém afinidade. Começam a conversar animadamente.

O céu tropical tinge de vívido azul a agradável tarde, enquanto o bimotor da Força Aérea Brasileira, onze passageiros, taxia na pista. Minutos depois, o aparato acelera sobre o asfalto. Pela janelinha, o deputado indígena vê as faixas brancas da pista passarem velozmente. Quase no final, o avião levanta o nariz. Dentro, os políticos ouvem o que parece ser o retumbante tiro de canhão rasgando o ar. Mas não há preocupação na cabine, ou na torre, a aeronave marrom de seis toneladas ganha altura como um grande pássaro.

Mobilizações progressistas da sociedade civil organizada tinham empurrado os integrantes da Comissão Parlamentar de Inquérito para as terras Ianomâmis, na Amazônia. Pressionados, também, pela comunidade internacional e as organizações não-governamentais. Todos atentos às contínuas ameaças ao meio-ambiente florestal.

Ganham altitude e velocidade de cruzeiro. Há descontração no ar. O voo durará três horas. Os congressistas afrouxam os cintos. Discutem com entusiasmo as diretrizes da visita, um olho no eleitor, outro nas eleições. Propondo-se afinal, um voo rasante sobre a área enegrecida pelas queimadas e a dos garimpos clandestinos. Alvos da investigação.

Duas horas mais tarde, sobrevoam a imensa floresta lá embaixo. Entram na tempestade tropical. Começa a balançar o avião. De sua posição o piloto vê um raio atingir a asa esquerda, e alerta ao copiloto a falha no motor. Tinha deixado de funcionar após soluçar com força suficiente para estremecer a fuselagem por alguns segundos:

— Melhor aterrissar na pista mais próxima! — anuncia ele. Em seguida o copiloto lança o pedido à torre. Sem resposta. Insiste uma, duas, três, mas não há sinal.

Um minuto depois, o comandante se dá conta de que a hélice da asa direita também não tem força suficiente para impulsionar o avião de fabricação brasileira.

— Ambos os motores não respondem com a potência necessária, estamos planando! — informa, voz trêmula, ao copiloto ao lado — Declare emergência!

— Mayday, Mayday, Mayday!

Lá atrás, a violenta turbulência tinha-os obrigado a abrocharem os cintos. Kaòba estuda as expressões dos companheiros, despreocupados, acostumados talvez às sacudidas do bimotor, no vaivém habitual entre uma cidade e outra, nas constantes reuniões partidárias. Observa, então, o deputado mais experiente em calorosa discussão com um integrante da oposição, parece-lhe que estão ambos no púlpito do Congresso.

— Tá tudo bem, logo pousaremos, é só uma tempestade — diz o colega do lado. Metidos em nuvens cinzentas, não enxergam patavina lá fora.

Na cabine compacta do bimotor, o experiente piloto acentua o giro da curva, contando apenas com a reduzida velocidade de arrasto do aparelho. Dada a extrema condição, dispõe somente de poucos segundos para aterrissar.

— Mas, aonde!? Chocaremos contra as árvores!

Em baixa atitude, vê as copas enormes balançando na chuva, aproximando-se cada vez mais, a sucessão de estalidos no rádio e, a seguir, o nervosismo das vozes solapadas entre o comandante, o auxiliar de cabine, e o técnico da torre que acaba de contestar-lhes:

— Relate sua posição, MD9856! — diz a voz do homem.

— Não chegarei... não há força suficiente para..., tentarei sobrevoar o riacho!

— grita o comandante, sem responder à torre, guinando violentamente o avião à direita assim que vislumbra o curso d'água, a escassos metros do solo.

O desespero toma conta, o avião é pesado demais para atuar como planador.

— ... baixe o nariz, baixe o nariz, pelo amor de Deus! — berra desesperado o copiloto, ao mesmo tempo em que o companheiro grudado ao manche vocifera algo.

Luzes vermelhas ao lado dos mostradores no painel piscam e dardejam bipes.

—... tentando... porra... me ajude aqui! Meu Deus... — foi a última frase ouvida.

— O avião vai cair! — grita Kaòba, aos companheiros, lá atrás.

Seguiu-se intensa gritaria e o choro. O bimotor enfia em queda livre raspando o topo das árvores mais altas, partindo galhos, ruindo por dentro, rompendo a fuselagem com grande alvoroço. Solavancos e fortes batidas, em direção a superfície da água.

Silêncio profundo. Do emaranhado de metais retorcidos como tecidos dobrados, fios e cabos pendurados, cadeiras e objetos desconjuntados, Kaòba consegue soltar-se do assento na vegetação densa. Sem noção do tempo. Dói-lhe o braço. Ao seu lado, o companheiro não teve a mesma sorte. Sem enxergar o céu, tapado pela copa das folhas, ele sabe que é noite. Já não chove. Não vê os companheiros e a tripulação. Foi lançado ao solo com o bloco de poltronas, junto ao colega falecido. Caminha lento. Grita. Logo encontra quatro deles em zonas distintas. Não têm ferimentos graves. Procuram os demais, sem sucesso. Agora só resta abrigarem-se dos perigos da floresta, não sabem quando virá a ajuda. Pela manhã buscarão os desaparecidos. Longa será a noite.

SEGUNDO DIA

Kaòba e os quatro companheiros acordam em meio a orquestra de mil pássaros. Raios de sol não os alcançam, ali as árvores têm meia centena de metros. Dormiram mal. Um não logra

andar. A vegetação abundante camufla os restos do aparato estatelado no mato, mas encontram sobras de alimentos. Depois, lavam-se no riacho próximo. A seguir, reúnem-se os cinco: terão de tomar a decisão que pode significar salvar suas vidas.

— Temos de fazer algo, é arriscado somente esperar — sugere ele, os outros concordam após votação relâmpago unânime — mas primeiro tentemos localizar os outros, — líder natural na ausência do decano morto — pode que esteja alguém vivo.

Crescido na floresta, Kaòba conhece-a bem, mas não tem ideia de onde estão. Seguem o rastro da queda, pedaços espatifados que vão dar no Igarapé, sem sinal dos corpos, terão afundado no lamaçal, concluem, a cabine quase submersa no charco.

— E agora? — questiona o ferido, fratura grave no pé. Protegido pela fuselagem.

Obedecendo ao seu plano, o líder do governo, e um ex-general, seguem o indígena, a jusante do curso d'água. No local da queda ficaram o doente e o representante do Partido Verde, caso os alcancem o resgate. Andam toda manhã. Param para beberem e comerem.

A milhares de quilômetros. Base aérea. As buscas iniciam-se as cinco da manhã. Na rota do último contato pelo radar a aeronave H-60 Black Hawk, e duas SC-105 Amazonas SAR, seguem para a selva. Por terra, as equipes de bombeiros em busca dos ocupantes do voo desaparecido cerca da Serra Capiáu. Especialistas em resgates terrestres são lançados pelos helicópteros, próximos aos locais sinalizados, de acordo com as derradeiras comunicações emitidas pelo equipamento do avião da FAB extraviado.

Os dois companheiros de Kaòba estão esgotados da marcha. Refugiam-se à sombra. 35 graus, úmido calor os atormenta. Restos do paletó lhes cobre a cabeça, a gravata amarra o saco dos alimentos que restam às costas suadas. Peles picadas pelos mosquitos noturnos.

— Estamos perto do rio principal, — anima — lhes Kaòba — o riacho virou torrente.

Somente no final da tarde divisam o rio de 80 metros de largura. Caudaloso. Passarão a noite à sua beira, sem a comida que acabou. O fogo improvisado afugentará predadores, a fumaça os mosquitos. Talvez pela manhã pesquem ou encontrem uma raiz.

TERCEIRO DIA

Na capital, a imprensa matutina noticia o que parece ser uma tragédia. Corre-se contra o tempo. Lamenta o presidente a votação da emenda sem o seu líder no Congresso. Parte da população ora, outra não, e outra ainda é indiferente devido ao suado ganha-pão a que se veem obrigados a lutar diariamente na competitiva selva de pedra.

Dormiram os três em camas de folhas entrelaçadas de embaúba, ao redor da fogueira acesa pelo índio. Cedo, chacoalhando o feixe de timbó nas águas escuras, ele envenena os peixes miúdos, e os comem assados: “o rio é o açougue da natureza”, diz. Caminham na margem do rio por horas. Sem farda, o general, de certa idade, quer desistir, já não suporta a marcha forçada, atormentado pelos insetos. Os outros dois o emulam a seguir. Só veem águas barrentas, mato espesso infestado de mutucas, macacos trepadores, e montes de periquitos a grasnarem sob árvores enormes. Da boca de um forno parece sair o calor. Após a corredeira, chegam a um lago com lontras e jacarés.

Pela posição do sol, Kaòba julga que terão de cruzá-lo, para o outro lado é que estará o grande Amazonas.

No diminuto acampamento improvisado, a febre alastra o corpo do ferido. O do Partido Verde pouco pode fazer. Escasseia a comida. Acordaram a menudo toda a noite com o grito frenético dos animais, e, depois, para espantarem a jiboia que se aproximou furtiva. Forte umidade impregna-lhes o corpo suado de dia. Choram e clamam pelos céus.

Quando a escuridão se abate mais uma vez sobre eles, estão mortos de cansados, empapados da chuva que cai a horas, famintos. Levaram a tarde a cruzaram o rio em troncos podres, por pouco o general não se afogou. Toca fazer noite na outra margem onde há uma espécie de clareira devido a alguma enxurrada que varreu o solo. Se revezarão na guarda noturna. É noite funda na floresta sem lua.

Recolhendo os trabalhos, por conta do crepúsculo, os aviões militares retornam à base, voltarão sobre a alvorada do dia seguinte. Na selva, os bombeiros acamparam. Estão agora a seis horas de caminhada do ponto onde provavelmente despencou o aparato.

QUARTO DIA

Ao despertarem ainda no escuro, e coaxares, os deputados seguiram a trilha indígena. Quando clareou, se viram sob imensas Garapas, Paricás e Cedros de quarenta metros, que não lhes facilitaram o sol. Se alimentaram de Jenipapo, da Castanha-do-Brasil, e do palmito do Buriti, fazendo com as folhas proteção na jornada. Mais tarde, Kaòba usou a resina da casca da Paineira e o óleo dos frutos para aliviar queimaduras na pele branquíssima dos dois companheiros, tinham sofrido insolação no dia anterior. Andadura lenta. O general queixava-se ainda mais. O índio usou veneno da rã kambô para evitar os inchaços nas picadas dos mosquitos. E folhas de jambu, para adormecer a boca e enganar a fome. Sol, chuva de repente, novo sol, temporal, sol de novo.

Lembrando-se ainda do treinamento da tropa na floresta, o representante dos Verdes deixou a fuselagem destrocada e explorou a redondeza para tentar algo que aplacasse a febre alta do colega. Raspando o Jatobá obteve resina, e massageou-lhe o pé. Próximo ao grupo de Pequiás, de mais de cinquenta metros, perto do mangue, ele teve sorte, colheu mel e picadas. Junto aos frutos do Cajá-Mirim, foi a refeição única dos dois. Viu Visgueiros de mais de três metros de grossura. Não houve moscas nesse dia. Raro!

QUINTO DIA

Nessa madrugada, extraordinariamente quente, tão pouco houve zumbidos de mosquitos, nem coaxares, nem gritos dos animais. Era o fogo da queimada que os cercava de longe. Até dar com a gasolina nas asas ainda a meio destrocá. Antes de verem tudo queimar, correram para não serem asfixiados pela fumaça. Com dificuldade, em direção ao nada.

Os bombeiros os encontraram apenas com a cabeça fora do mangue, vivos.

A quilômetros da queda, Kaòba olhou a gigantesca Sumaúma e bolou um plano. Com as painas que revestem suas sementes improvisou coletes salva-vidas, enrolou-os nos três, e flutuaram até a ribeira onde os esperava sua tribo. Um dos aviões apareceu.

NO CARTÓRIO



Rayssa Cunha Lima Câmara dos Santos

- O que você acha de David?
- Sim, é um nome bonito.
- E Henrique? Henrique não é melhor?
- Sim, também é bonito, mas e David?
- Tem razão, David. David. Daaaviiid. O som é bonito. David é melhor.
- Tudo bem, David, então.
- Isso, David, pode escrever aí: D-A-V-I-D. No lugar de Francisco, viu?
- Certo, o senhor só precisa assinar aqui e aqui e aqui, e pronto, mudou o nome.
- É mais que um nome, moço. É o meu pai. O nome é dele. Eu disse que ele se chama Francisco também? E o pai dele, que Deus o tenha, também era Francisco.
- Não me diga que o pai do pai dele também se chamava Francisco? Perguntou o rapaz do balcão, com uma tentativa de riso.
- Não. Esse foi Pedro mesmo. Pedro lá da serra da cacimba de baixo. Todo mundo conhecia.
- Continuando, o senhor pode assinar aqui e...
- Eu contei, moço, que meu pai fez uma festa das grandes quando soube que minha mãe estava esperando um menino? Mandou matar um bode, e chamou todos os vizinhos até lá

pelas bandas do sítio velho. O sonho dele, ele dizia. Um filho homem. Por isso ele me deu o nome dele, acho que foi homenagem. Porque ele tinha tanto orgulho desse nome, e esperava ter esse orgulho de mim também um dia.

— E ele não tem?

— Tem nada. Tem só raiva e desgosto. E eu nem sabia que podia desgostar de filho.

— Olha, o senhor precisa assinar aqui para...

— Ah, eu contei, moço, do dia que meu pai me deu uma bicicleta? Ele me mostrou como andar sem as rodinhas, sabe, porque ele dizia que os meninos todos da minha idade já sabiam andar sozinhos, e não era bonito só eu andar com rodinhas. Não lembro quantas quedas eu levei naquele dia. Mas, meu pai estava tão feliz, porque ele nunca tinha tido uma bicicleta na infância. Então, eu continuei a cair.

Depois, meu pai quis que eu fosse doutor, que era o que ele sempre sonhou, mas nem todo sonho dá para a vida real. Mas, “meu filho há de ser doutor um dia”, ele dizia a todos.

— E você é doutor?

— Sou nada, moço. Sou só eu mesmo. Chico não nasceu par ser doutor, já viu Chico ser doutor?

— Na verdade, tem um...

— Pois eu não, nunca vi. Só vi chico de dona ana, chico filho de Mariazinha, chico da buodega, chico da rua de cima... todo chico é continuação de alguém. Acho que é a vida tentando dar um jeito. Mas, jeito em quê, eu não sei. Porque tem coisa que é assim, pronto.

O que eu não disse, moço, é que meu pai não sabia andar de bicicleta. Meu pai, quando criança, quis ter bicicleta, mas meu avô dizia que ele tinha que trabalhar e bicicleta era perder tempo, e que ele não era como as outras crianças. Mesmo assim, ele me ensinou a andar de bicicleta, porque

para me ensinar, ele não precisava saber andar, bastava dizer como. Não é assim que é ser pai? Finge que sabe e a gente finge que acredita que ele sabe, e de alguma forma, vez ou outra, algo se aprende.

Quando meu pai quis ser doutor, o finado avô Pedro disse que ele não servia para isso e que deixasse de besteira, que a roça não ia se arar sozinha. E o que meu pai podia fazer?

— E você? Perguntou o moço do cartório, um pouco mais interessado.

— Eu o quê?

— Você é chico de que?

— Já disse, sou só chico mesmo, que eu não sirvo para continuar meu pai. Eu contei o dia que meu pai chegou do roçado e me viu no alpendre com Nilsin de dona Betinha? A gente estava só conversando, mas meu pai sabia. Porque tem coisa que a gente entende antes de saber. E ele mandou Nilson sair. Depois, olhou para mim e mandou eu fazer a mala e sumir no mundo, que ele não tinha filho para isso não. Minha mãe chorou, mas meu pai não vê lágrima. Eu obedeci, que era o que eu sabia fazer. Mas, eu fiquei ali, o meio do terreno, entre o alpendre e o portão da rua, com a mala na mão esquerda e sem saber para onde ir. Porque antes eu era o chico filho de Seu Francisco. E, com a mala na mão, entendi que eu era filho de ninguém. Então, eu vim para cá, moço.

— Por isso você quer mudar o nome?

— Não. Eu queria mudar o destino. Mas, David tá bom. Assinou, pegou a mala e saiu.

ATÉ QUE A MORTE NOS UNA



José Francisco dos Passos Junior

O ambiente uma sala simples. Provavelmente de uma casa de família com poucos recursos. No lugar não havia nenhum móvel, creio para dar espaço para o velório. Era início de noite, embora o ambiente ainda não estivesse escuro. A luz vinha dos castiçais colocados ao lado do caixão.

Num primeiro momento, estranhei não haver ninguém a velar o corpo, embora, o defunto, um senhor passando dos 80 anos, não estivesse sozinho, ao lado dele, dentro do caixão, estava uma senhorinha, também na faixa dos 80 anos, lado a lado, no espaço apertado do ataúde, fabricado para comportar apenas um corpo.

Serena e com a voz tranquila, a senhorinha estava com a cabeça do defunto sobre o seu peito. Assim, bem juntinhos, ela confienciava juras aquele que seria o seu grande e único amor.

Fiquei admirado ao observar a cena. Ela, a senhora, se me viu, ignorou completamente. Pois aquele momento tão íntimo, talvez último, mas não de despedida, não caberia a presença de terceiros.

No recinto, não havia lágrimas, nem tristeza, apenas recordações, boas recordações. Por um momento, fechei os olhos, voltei a abri-los, chegando a pensar estar sonhando, mas não, a cena daquele casal estava a cerca de uns três metros de mim.

Da minha parte não havia nenhuma familiaridade. Não reconhecia o casal, nem me parecia familiar com alguém que eu já tivesse mantido algum contato.

Não senti medo nem me questioneei por estar ali, num momento sublime com o amor superando a morte numa parecida tenra despedida.

Respirei fundo e continuei observando aquele exemplo de simplicidade estando diante de um corpo frio, frio, mas não morto, pelo menos para a senhorinha, que a meu ver desfrutava os últimos e preciosos minutos ao lado do seu maior bem.

Ora, acariciando os seus cabelos, lábios e peito.

Havia em cada gesto dela a certeza de que entre as pétalas das centenas de flores que cobriam parte do caixão não havia uma sequer para o mal querer.

O bem querer, o bem-me-quer, ocupava todos os espaços, todos os pensamentos, toda uma vida, iniciada ainda na infância, quando dois olhares cruzaram para a eternidade. Naquele momento, dentro do caixão, a senhorinha dividia não apenas recordações, confidências, mas também a sua respiração, o seu fôlego já fraco e as descompensadas batidas do seu coração.

A sensação é de que aquela última noite seria eterna, não haveria espaço para um ponto final. Resiliente ao destino, nada a despertava daquele momento especial. O caixão

era apenas um detalhe, bem como a meia luz advinda dos castiçais fúnebres.

O momento não havia espaço para dor, mágoa e nem mesmo para a saudade. Pelo menos enquanto durasse aquela eternidade vivenciada lado a lado dentro do caixão. O mundo parou naquele instante.

Como um intruso, também estranhei a ausência de outras pessoas — familiares, parentes, amigos ou simplesmente conhecidos ou ainda curiosos — para prestarem a solidariedade num momento em que se perde um ente querido.

Por um instante, observei no semblante do defunto, bem no canto da boca, parecia escapar um leve sorriso, como dizem os mais antigos “adormecido como um anjo”, num sono leve e sereno.

Cheguei a imaginar que aquele corpo morto entendia e correspondia com a mesma intensidade o carinho da senhorinha deitada ao seu lado dentro do caixão.

Pausadamente, ela relembrava com a sua voz mansa, quase em sussurro ao pé do ouvido do morto, momentos inesquecíveis de suas vidas.

Concluí que os bons momentos, daqueles dois, superam o tempo que não apagou nenhum detalhe de uma vida compartilhada há mais de seis décadas. O primeiro encontro, a troca de olhares, o contato físico e a entrega dos corpos, inevitável, diante de tanto desejo.

Percebi também que o cuidar um do outro será a maior missão, a maior preocupação, mesmo diante de uma vida com inúmeras dificuldades. As privações, decorrentes dos escassos

recursos financeiros, não foram poucas, mas ainda insuficientes para abalar aquela união.

As lembranças da senhorinha percorriam a linha do tempo, causando a impressão que cada momento vivenciado a dois foi único, inesquecível, como foi à primeira troca de olhares.

Ora ela se referia ao passado, ora a momentos vivenciados recentemente, na terceira idade. O tempo não importava. O maior valor se concentrava na vivência, nos momentos ricos da vida a dois.

As confidências de amor ao lado do morto eram recíprocas, configuravam-se evidentes no ambiente do caixão. O silêncio do defunto, como não poderia ser diferente, parecia concordar com cada palavra sussurrada pela senhorinha.

Num determinado momento, a voz da senhorinha fica muito trêmula, como sentisse uma grande dor, a dor da perda de um único filho, jamais amenizada mesmo tendo passado mais de 50 anos.

Entendi que esse foi o único e o maior golpe sofrido pelo casal. Lágrimas rolaram no rosto da senhorinha que colado à face do defunto se espalharam também no rosto dele. Mais uma vez, ambos estavam juntos a chorar a perda do único filho.

Sofri com eles, não a morte presente, mas a morte de uma criança ocorrida há mais de cinco décadas, bem antes do meu nascimento, e que passado tanto tempo, ainda causava a mesma dor a uma mãe idosa e a um pai, defunto.

Meio a soluços, uma pausa. A senhorinha respira fundo, engole o choro, num sábio reconhecimento de que nada é em vão.

Foi muito breve a vida daquele único filho, a união deles fora longa, um sendo a pilastra do outro, para sustentar tamanha dor. Dentro do caixão, as pilastras continuavam firmes, inseparáveis, concretadas pelo amor. Um amor prestes para um novo amanhecer.

Confesso que num determinado momento me veio à impressão de que o defunto pudesse despertar, abrir os olhos, conversar com a senhorinha, retribuir os carinhos, pois tamanha era a sinergia entre os dois.

Sem filhos, durante os muitos anos de vivência, o casal nunca estivera sozinho. Ela relembrava saudosa alguns animais que alegravam e também serviam de companhia. Eram pequenos animais domésticos como gatos, cachorros e tantos outros xodós que só sabem quem valoriza vida desses seres especiais.

A senhorinha falava dos pássaros com os seus cantos a cada amanhecer e alvorecer. Sempre livres no entorno da modesta casa embelezavam, juntamente com um pequeno jardim de flores silvestres, o bucólico cenário para felicidade.

— Nunca o deixei só um único instante! Exclamou baixinho.

Então, percebi que a partir daquele exato momento não havia distância entre os dois. Como almas gêmeas aquela união estava emoldurada para além da vida.

Comecei a imaginar como seria a vida dela com a partida do seu maior bem querer ou vice-versa. Apesar de perceber claramente de que tal perspectiva não a abalasse.

Mesmo com o recinto ainda vazio, embora cheio de vida, de esperança para um novo recomeço, entendi que aquela situação representava um momento de aprendizado.

A lição de que amar incondicionalmente vale a pena. Essa certeza eu obtive ao testemunhar os dois, juntinhos, dentro do caixão.

Imaginei como um amor poderia ir tão longe, ser tão forte, inexplicavelmente renovado, rejuvenescido, dentro de um caixão.

Essa reflexão íntima com os meus botões foi interrompida ao perceber que alguém se aproximava, ouvi passos, passos leves e lentos, em direção ao caixão.

Mais uma vez me surpreendi, era uma criança, um menino, com idade não mais que 5 anos, que também nunca havia visto antes.

Estranhei, não só a chegada dele sozinho bem como a sua presença num velório. Normalmente, as crianças são resguardadas desse tipo de cerimônia que abala os mortais.

O pequenino se aproximou do caixão e na ponta dos pés anunciou a chegada com um olhar de amabilidade para a senhorinha.

Nesse momento, ela estendeu às mãos em direção às mãos da criança. Era chegada a hora, de ambos, recebê-los para a eternidade.

Com um sorriso tímido, mas feliz, a senhorinha pegou a mão da criança, juntamente com a dela, as levou ao encontro das mãos do defunto. Assim, mais uma vez a morte havia os unidos.

Foi aí que ouvi vozes, muitas vozes, rezas e orações. Um ambiente bem diferente de instantes atrás. Vi que o recinto da sala, sem mobílias, estava lotado de pessoas, gente idosa na sua

maioria. Havia também um cheiro forte de velas e flores, odor característico de velório.

Cai em mim. E assim como cheguei, desapareci, ficando com a certeza da missão cumprida.

CASTELOS DE AREIA



Glaucio Fabrizio de Souza Oliveira

MC Tuco, nascido Arthur, não nasceu rei, pelo contrário, nasceu na região mais pobre do país e se mudou com os pais para o Rio de Janeiro ainda bebê de colo. Cresceu numa comunidade que durante muito tempo fora considerada uma das áreas mais perigosas para se viver no planeta e agora estava completamente dominada pela máfia miliciana. Tuco ficou órfão ainda criança quando perdeu os pais numa série de tragédias que ficaram conhecidas como os casos dos Castelos de Areia.

Como habitualmente costuma ser, os grupos mafiosos dominam todos os negócios na comunidade em que atuam, da venda de botijões de gás a tv a cabo e internet, do tráfico de drogas até a construção de condomínios residenciais e comerciais. Extorquem moradores e comerciantes oferecendo proteção, mas proteção de quem? Deles mesmos? Em um período de quatro anos, pelo menos meia dúzia de edifícios residenciais construídos de forma irregular desmoronaram ceifando a vida de dezenas de famílias, em um deles estava os pais de Tuco que só escapou por estar na escola no momento.

Aprendeu sozinho a ler muito cedo, estava no primeiro ano como estudante quando perdeu os pais. Sem familiares,

passou a viver num orfanato que era organizado por candomblecistas, lá ganhou gosto mais ainda pela leitura, frequentador assíduo da biblioteca, leu todos os volumes e ganhou fama ao aparecer na televisão num famoso programa dominical quando conseguiu quadruplicar o acervo com doações, recitando poesias consideradas muito maduras para um garoto com menos de 10 anos.

Na adolescência conheceu os versos de grupos icônicos do Rap como Racionais MC, Cambio Negro, Faces do Subúrbio. Sua paixão pela literatura o levou a escrever versos que não demoraram a virar músicas, seja como rap, seja como trap, seja como funk. As letras engajadas vociferavam contra o sistema, racismo estrutural, violência policial, desigualdade social. Feminicídio e homofobia. Passou a ser respeitado pelo tipo de som diferenciado, melódico, poético com mensagens que funcionavam como coices violentos, principalmente pelos coronéis dominantes do poder.

Aos 18 lançou o primeiro single que foi sucesso imediato ganhando vários prêmios como artista revelação. A música que já falava sobre a subserviência da polícia militar junto aos grupos milicianos lhe rendeu o primeiro atentado de morte. Após fazer um show para mais 4 mil pessoas numa comunidade da zona oeste, teve o veículo em que estava alvejado por mais de 200 tiros de metralhadora, todos que estava no carro foram mortos, com exceção é claro do MC que saiu ileso sem um único arranhão. O atentado teve como resposta o primeiro álbum gravado, quase como uma vingança o título Corpo Fechado, começava sampleando Racionais MC com o grito “ogunhê”, ganhou rápida repercussão internacional além de vários prêmios.

Tuco era uma figura tipicamente brasileira de estatura mediana, filho de pai preto com mãe de traços indígenas. Chocou a comunidade ao se declarar não binário, e atraiu mais

um motivo de perseguição pelos conservadores milicianos fascistas. Pardo, do movimento LGBTQI+, teve seu segundo atentado quando teve sua casa incendiada pela milícia enquanto dormia. Felizmente dessa vez sem outras vítimas, mas o MC não deixaria barato e lançou um single que foi sucesso imediato: Fogo da Babilônia.

O terceiro álbum lhe rendeu o título de Bardo do Morro, comparado ao estadunidense *Bob Dylan* ganhou o primeiro Grammy Latino de um artista de funk. Mesmo com toda repercussão e dinheiro, MC Tuco continuou vivendo na comunidade em que cresceu, se tornando referência entre os mais jovens, desenvolvendo projetos de fomento a novos artistas, sejam músicos, escritores, atores e desenhistas. Nessa época o país passava por um processo político progressista, foram criadas cotas para pretos e pessoas de baixa renda nas melhores universidades do país, programas de distribuição de renda elevaram a condição social de muitas pessoas, diminuindo a pobreza extrema e a fome. O país passava por um importante processo de desenvolvimento social e econômico chegando a estar entre as seis maiores economias do mundo.

Todo esse clima desenvolvimentista atraiu a atenção das principais nações imperialistas que perdendo controle econômico na região passaram a investir pesado em grupos radicais de direita, desmoralizando os partidos de esquerda e levando ao poder o mais podre dos tipos: religiosos fascistas armamentistas. Quando um pastor neopentecostal assumiu o governo do estado, MC Tuco percebeu que não estava conseguindo bater de frente com os poderosos somente com a música, resolvendo sair candidato a vereador. Fenômeno como artista, sua entrada na política não foi diferente, eleito o vereador mais votado de todo país na primeira tentativa de eleição.

Sua atuação na Câmara como vereador foi primorosa, aprovou uma dezena de projetos que beneficiaram milhões de jovens periféricos de toda a cidade. Seu êxito político atraiu o ódio e a inveja dos grupos financiados pela máfia miliciana, que já usavam há décadas o poder público para lavagem de dinheiro. Não demorou a tentar a eleição como Deputado e ser eleito com mais um recorde de votos. Sua atuação na Comissão Parlamentar de Inquérito que investigava políticos ligados ao crime organizado, lhe rendeu mais um atentado, onde o carro em que estava com mais dois jovens políticos promissores foi alvejado com tiros de fuzil e submetralhadoras, o MC saiu novamente ileso, os outros ocupantes não tiveram a mesma sorte.

Durante seu segundo mandato, MC Tuco passou a atuar numa Comissão Parlamentar de Inquérito que finalmente investigava a atuação do crime organizado na especulação imobiliária em comunidades mais pobres da cidade. Os grupos invadiam áreas de proteção junto a encostas, expulsavam antigos moradores como verdadeiros grileiros de terra, construía sem seguir os mínimos requisitos de segurança. O deputado que perdera os pais ainda criança em um dos prédios que desabou construídos pela máfia, virou um símbolo da luta na comissão que ficou também conhecida como Castelos de Areia. Mais de 40 deputados envolvidos com o crime organizado perderam seus mandatos e foram presos aumentando a ira dos mafiosos que pediam a cabeça do jovem deputado a qualquer custo.

Nessa época após a deposição do último presidente de esquerda eleito no país através de um golpe parlamentar, o crime organizado finalmente chegava ao poder máximo ao eleger um presidente de extrema direita. Durante o primeiro mandato o país foi levado ao caos, a economia despencou a patamares das vacas magras, a fome voltou, a violência policial aumentou, sobretudo vitimando homens pretos periféricos. Inconformado

com a ascensão fascista ao poder. MC Tuco tentaria seu voo mais alto na política saindo candidato a presidência do país.

Líder disparado em todas as pesquisas eleitorais daquele ano, Tuco sofreria talvez o último grande atentado em vida. Os grupos criminosos ligados ao presidente da república, que tentava reeleição, jamais poderiam permitir perder o poder para o seu principal algoz. A mando do filho mais velho do presidente, que também era adversário político desde da época de assembleia legislativa, foi coordenado o sequestro do MC quando ele saía de um evento de campanha. Durante o sequestro seguranças e eleitores foram mortos. A mídia mostrava as cenas a toda hora na programação, a comoção era geral, vigílias foram montadas em todas as comunidades periféricas do país reunindo todas as religiões.

Numa tarde de setembro, Tuco acordou no oitavo andar de um prédio abandonado, na verdade um dos prédios embargados no caso da CPI Castelos de Areia quando atuou diretamente como parlamentar e autor. O edifício em breve seria demolido e os milicianos resolveram dá cabo a sua vida de forma simbólica naquele local. O prédio ficava na comunidade vizinha em que vivia, não estava muito longe de casa. O jovem congressista foi despertado quando jogaram gasolina em sua cabeça, ele estava preso dentro de pneus. O Combustível ardia nos olhos e em feridas que tinha no rosto, resultado de tortura que sofreu. Quando conseguiu ver um de seus torturadores, reconheceu como o filho deputado do presidente da república.

Sorridente ele armava e ligava tranquilamente uma câmera em um tripé:

— Doutor, isso pode dá merda! – Comentou um dos mafiosos que estava no recinto.

— Relaxa rapá, o Chefe me deu a ordem pra gravar tá ok?

ele prometeu apagar logo depois, mas como conheço bem meu velho, vai querer assistir esse “churrasco” todo dia no café da manhã – disse dando risada o deputado.

— Você já está gravando porra? — perguntou um dos milicianos que logo cobriu o rosto com uma balaclava do BOPE.

— Sim, vamos logo ao que interessa!

O deputado que estava com um colete tático sacou uma faca do coldre e veio dançando na frente da câmera até o Tuco que estava preso entre os pneus. Ele não demonstrava medo embora estivesse prestes a ser incinerado. O filho do presidente primeiro com um maçarico esquentou a lamina da faca e ameaçou queimar o olho do Tuco com a ponta da arma incandescente que não se movimentou um milímetro demonstrando coragem. O prédio rangia ao mesmo tempo que soprava poeira entre as fendas no teto.

— Doutor, esse lugar está prestes a cair, se apresse!

— Calma, vai cair quando a gente quiser que caia, isso aqui vai virar o túmulo desse macumbeiro veado filha da puta!

Enquanto falava isso, como antevia o miliciano, uma enorme fenda se abriu no piso, o prédio veio abaixo em poucos segundos, a câmera ligada no tripé, filmou com uma perfeita sincronia todos vindo abaixo andar por andar. Ela também registrou os pneus amortecendo a queda de Tuco que não foi esmagado nem soterrado pelos destroços. Quando conseguiu se desvencilhar dos pneus, o MC localizou a câmera que ainda estava ligada e filmava intacta o caos e a poeira suspensa no ar. O filho do presidente agonizava soterrado somente com a cabeça do lado de fora.

Quando a imprensa vendida e conivente ficou sabendo do ocorrido durante um tempo se perguntou o que o filho do presidente fazia no local junto com os principais líderes

milicianos, tentaram vender a narrativa que ele fora uma vítima dos criminosos, sem sucesso pois não demorou até as imagens registradas da câmara serem divulgadas exaustivamente pelos principais meios de comunicação do planeta ligando não somente o filho ao crime, assim como o pai. O presidente caiu antes das eleições, cometeu suicídio com um tiro na boca para se livrar da prisão e da pecha de criminoso, ainda há gente sua no poder, mas estão caindo paulatinamente como uma garoa de enxofre no inferno.

O SANGUE DE UM POETA



Antonio Bezerra de Mesquita

*Eu faço versos como quem morre
De desalento... de desencanto...
Manuel Bandeira.*

A agonia da qual pouco se lembrava voltou a assombrá-lo, de uma forma mais intensa e mortal do que fora antes. Necessitava se desprender desse sentimento não compreendido, pouco real e menos tangível ao enclausuramento proposital em que se mantinha. Se possuía um nome, não o sabia e pouco importava.

As veias estavam estranhamente protuberantes naquele instante. Sentia o sangue ardente percorrer todo o seu corpo, procurando um único ferimento que o permitisse escapar. Desejava escrever um outro poema, não igual aos outros de antes, ridiculamente encaixadas em rimas sem uma pretensão metafísica.

Queria uma composição simples, pequena, de poucos versos que falassem de algo fingidamente sentido e acreditável num campo maior. Os versos, não conseguia escrevê-los. Sentia como se estivessem presos em suas veias, quase cálidos por dentro.

Não conseguia um nível de concentração que os permitisse fluir. Os ruídos vindos dos demais cômodos o irritavam profundamente, fazendo com que apenas rabiscasse o papel. As palavras permaneciam engasgadas.

Queria chorar, mas não conseguia, não havia motivos. Tampouco seria o suficiente para fazê-lo escrever. Estava quase enlouquecendo em sua vã obsessão. Morreria para escrever esse último poema. A morte seria o momento mais verídico e poético em sua vida, mas talvez não sentisse coragem para tanto.

Necessitava sentir um pouco da real dor e, talvez, isso o fizesse escrever. Um pouco de dor física traria as palavras que pretendia usar em seu poema. Sabia o que fazer para iniciá-lo. Susteve uma pequena lâmina que estava em seu quarto e produziu um ferimento vertical na palma de sua mão esquerda.

O sangue quente e quase facundo escorria por entre seus dedos, aqueles com os quais seguraria o instrumento de escrita de seu desencanto. Usou a folha de papel já muito rabiscada em suas frustradas tentativas para limpar o líquido. Subitamente de si, apossou-se o lampejo de que a mancha rubra impressa ao papel funcionaria como tinta às palavras fugitivas. Empunhou sua pena e subscreveu metade de um singelo verso, quase involuntariamente.

Espantou-se em constatar que aquelas poucas palavras seriam mais promissoras do que tudo o que já havia escrito. O sangue não fora suficiente para terminar o verso, quicá o poema. A vontade de prosseguir o sucumbia e já sabia como fazer. Profetizara que esse esboço transformar-se-ia no melhor poema que já escrevera. O seu lamento dissimuladamente sentido ganharia sua última composição, e a tinta a partir da qual seus versos seriam conhecidos estava dentro de si. Sua poesia parecia algo real.

Com a mesma lâmina que produzira o primeiro ferimento ainda em mão, sentia os seus pulsos quentes e convidativos à sua imprecação...

UM OLHAR ATRAVÉS DA JANELA...



Vanda Maria Jacinto

Antes mesmo que o sol desponte no horizonte, ela já está acordada, tentando se lembrar das coisas que ainda tem que fazer, antes de pegar a estrada.

Desde o início da pandemia da Covid 19, sua rotina vem sofrendo algumas reviravoltas que, hoje, ela sabe, ficarão para sempre, ou pelo menos por mais um bom tempo.

Suas saídas nos dias de sexta-feira, logo cedo, com destino às praias é uma dessas mudanças. Por que as praias? Porque além de ser um passeio prazeroso, geralmente estão vazias e se consegue caminhar à procura dos tesouros deixados na areia, no fluxo e refluxo das águas-conchinhas, búzios, caramujos, pedaços de corais... e até correr sem nenhum empecilho.

Explicando...

Atualmente, ela mora num apartamento minúsculo-condicionado ao seu poder aquisitivo, lógico! Por ela, dançaria valsa no banheiro, mas termina por se conformar com o famoso “dois pra lá, dois pra cá” no seu humilde “Apartamento”. Motivo esse – diria até o maior – dos passeios às sextas. E também por ser

o dia em que a faxineira vai cuidar da limpeza. Ficar batendo os cotovelos uns nos outros, nunca foi seu programa preferido, daí escolher se ausentar. Fica tudo mais fácil!

Essa rotina tem sido sagrada. Ela organiza o que pode na quinta-feira, e o restante a sua secretária conclui. Porém, de uns tempos para cá, mais um personagem entrou na história: o netinho da secretária. Ela nem sabe pronunciar direito o nome dele, mas parece um bom menino. Entra acanhado, cabisbaixo e se senta, de imediato, como que a pretender não atrapalhar no pequeno espaço.

Com apenas seis aninhos, responde resumidamente ao que lhe é perguntado, isso depois de conferir o olhar da avó, é claro. Procura, desta forma, deixá-lo confortável, mas é notório o temor nos seus pequeninos olhos. Liga a tv e tenta sintonizar em seus desenhos preferidos, mas fica mudando os canais e observando o seu semblante, pelo canto do olho, até ele sorrir, num sinal de aceite.

Dentro do seu pequeno mundo, ele fica mais à vontade. A avó preocupada em não atrapalhar, também relaxa um pouco. Começam logo, as duas, a pôr em dia as últimas novidades – uma enquanto confere o crescimento das plantinhas, e a outra terminando aos seus preparativos antes de sair.

À medida que o faz, revê mentalmente o sacrifício daquela avó. Ultimamente tem sido assim: ela chega para o trabalho sempre acompanhada do neto. Sem ter com quem deixá-lo, e preocupada em ganhar o pão de cada dia, arrasta-o por onde anda. A mãe do pequeno – uma quase menina – tem se voltado para o tratamento da filha caçula que, com apenas três meses de vida, já se submeteu a uma cirurgia delicadíssima. Esse fato a tem levado a se ausentar constantemente de casa, ficando sujeita ao atendimento médico público na capital, enfrentando

filas e mais filas – sem contar com a precariedade das acomodações nas casas de apoio.

Estremece diante de tais pensamentos e relembra quantas e quantas vezes o seu mundo já ficou tingido de cinza chumbo, diante de situações bem mais simples.

Vai até a janela para conferir o tempo, e percebe que o dia está lindo! O sol já se distancia da linha do horizonte, iluminando a todos. Os pássaros ganham o espaço sem limites daquela manhã, em busca do próprio alimento ou, quem sabe, para os filhotes.

A vida pulsa em cada ser do universo. O verde exuberante das mangueiras já se cobrindo de flores, parece a cartola do mágico de onde, vez por outra, saí uma revoada de bem-te-vis.

Enlevada pela beleza do momento, assusta-se ao chamado do esposo.

Novamente com os pés no chão, revê os pensamentos angustiantes de há pouco e percebe a necessidade das lutas travadas, para o aperfeiçoamento de cada um.

Pega a bolsa, dá uma arrumadinha no cabelo e vai saindo. Ao passar pela sala, ainda flagra o sorriso do garoto. Agradece a Deus pela oportunidade de servir.

Percebe que para se fazer feliz, não basta olhar a paisagem através da janela, é preciso olhar a janela da alma do seu próximo mais próximo.

Com o coração a transbordar gratidão, veste o seu mais belo sorriso e pega a estrada em busca de mais uma rotina.

UMBRAL



Pedro Felipe Praxedes da Silva

Sentada diante da vastidão difusa e interrogativa, aqui no espaço do meio. O meio áspero que confia a mim sua existência, borriфа em minha pele seca de respostas as úmidas questões que eu merecia concluir, mesmo que não quisesse. Nem futuro nem passado, pois, efêmeros. No caminho da encruzilhada que antes nem tinha asfalto. Um caminho me ganhava, o outro me perdia, por isso estacionei no meio. Se avancei ou regredi eu não sei. Um dia eu decido.

Eu conheci o Fê há uns cinco anos quando éramos da reabilitação. Na verdade, nós o conhecemos, o Malva e eu, apesar de eles já terem estudado juntos durante o ensino médio, só passaram a ser amigos quando eu também entrei na relação. Vivíamos inseparáveis e insuportáveis a vista dos outros, isso porque as risadas estridentes incomodavam aqueles silêncios constrangedores dos restaurantes que frequentávamos ou a boa vizinhança das esquinas em que serviam de palco dos nossos shows. Sempre usávamos uma camisa de botões preta nas reuniões da clínica. Justificávamos que a camisa representava nosso luto. Luto pela morte do nosso alcoolismo. Bons tempos, mas tudo passa.

Era noite de uma quinta-feira, a sexta dos jovens-velhos, por volta das 19h30, quando já tínhamos encerrado nosso expediente, Malva e eu decidimos ir jantar fora, na pizzaria como de costume. E como de praxe, falar do nosso dia corrido, dos problemas com os colegas chatos no trabalho, da clientela insuportável e um pouquinho da nossa intimidade. Adoramos alfinetar assuntos sérios da nossa relação em tom de brincadeira. Exceto, quando eu exagero demais. O Malva é meio carasco, ele sempre diz:

— Isso não foi engraçado, Sarni, parece coisa de criança, meu dia foi difícil!

E eu quase sempre respondo:

— Tudo bem, desculpa, não precisa ficar irritado, minha vida. Vem cá que eu melhora seu dia.

Nas excepcionais ocasiões em que me desculpar era insuficiente, apenas emudecia e me permitia abater nos maus e inoportunos desejos. Concluo que os sugava e os enterrava já maquinalmente. Costumava funcionar como interruptor, sendo minha única opção já que ele nunca tinha a iniciativa na reconciliação. Ou seja, só resolvíamos no dia seguinte. Bem, em outras estações, o Fê tentava amenizar a situação. Com ele sempre íamos na estrada sem curva ouvindo suas piadas sobre a incapacidade de arrumar emprego ou da sua postura exótica de se sentar, pois não atraía as mulheres da forma que ele desejava. “Só atraio ortopedistas”— dizia ele em tom de graça. Ríamos e a situação estava restabelecida.

Pois bem, chegando na pizzaria de sempre, no horário de sempre, justamente porque não era tão cheia, ficamos incomodados com a presença de um homem estranho e, em até certo ponto, por favor não me levem a mal, empobrecido. Ele usava

uma camisa velha e aparentemente escura, um pouco embotada e cheia de nós, calças jeans claramente comida por traças e uma sandália desgastada que se usava na moda de três anos atrás. Os ombros peculiarmente caídos para a frente me eram familiares, mas eu estava tão possessa em pensar naquela coisa desagradável atrapalhando meu momento de lazer, que nem busquei na memória a recordação, não valia o esforço.

O caminho até a nossa mesa padrão percorria a mesa em que ele estava sentado sozinho. Até cogitamos mudar de lugar, mas aquele era o nosso lugar, a mesinha quadrada de madeira com as cadeiras impossíveis de se escorar sem o medo de cair para trás. Enfim, ele que se retirasse, talvez nem pudesse pagar pela comida, por que não escolhia outra pizzaria?

— E agora? – Sussurrou Malva, com raiva e apertando meu ombro.

— Você não quer pedir para o garçom retirar ele? — Respondi.

— Eu? Que inconveniente, estou exausto. Se você não fizer isso, eu é que não irei.

Dessa vez, fiz minha cara de incomodada, mesmo que já conformada. Não esperava outra reação, então finalizei:

— Tudo bem, o universo recompensa quem passa por situações difíceis. Quem sabe o colocam para fora. — E cruzei os dedos.

Assim que fechei a boca, Malva pegou na minha mão e me induziu a tomar a frente a caminho de nossa mesa, afinal, aquele sujeito não poderia incomodar mais do que sua desprezível presença. O coitado até baixou a cabeça quando passamos do lado. Sentei-me de frente para ele, pois meu homem apressou os passos até a cadeira que ficava de costas primeiro.

Passavam os minutos e eu evitava olhar para a mesa do nosso companheiro de horário – que graças à localização no espaço – estava pouco iluminada. Entretanto, ainda dava para o enxergar e pela razão a qual escrevo essa memória aqui no meio, veja como azar ou sorte, o infeliz deu sinais de que ia embora. Vibrei. No entanto, isso me fez observá-lo com mais atenção, ainda que discretamente. Ele arrumou a camisa amassada numa tentativa de deixá-la mais apresentável e se levantou, lançando o olhar em minha direção.

Por Deus! Aquele olhar se transferiu a mim de uma forma aguda e pontuda. Tamanho foi meu espanto. Naquele momento eu só queria me cobrir ou cortar fora meus olhos, posto que cega eu já estava. A sensação de peso e dormência atingiu meu peito, uma cólera se instalou em mim, além do coração acelerado, uma obscuridade derramou-se em meus pensamentos, a maldade me veio à tona e com ela o pior de todos os sentimentos, a vergonha.

Enquanto isso, meu parceiro não parava de comer, mastigando e engolindo cada pedaço da fina fatia de pizza, sem ao menos saber o que eu estava vendo, sem ao menos imaginar o que eu estava sentindo. Eu conhecia aquela camisa cheia de nós, e a ignorei. O sujeito a quem eu desejei que fosse expulso da pizzaria, simplesmente por incomodar minha vista, era ele. Ainda estava atravessando a curva além da estrada. Foi embora todo recolhido, todo inferior. Um pé atrás do outro e a mil pés atrás da gente, do Malva e eu.

Eu sei o que aconteceu com ele, eu não sabia o que acontecera comigo. Terminamos de comer o que passou a ser intragável. Não conseguia mais falar, meus olhos se afogaram num líquido embriagado do calor fétido característico do meu passado e egocêntrico âmago. Eu podia até emoldurá-lo. A quanto tempo eu não chorava? Uma fraqueza tomava posse do meu corpo,

minha mente só conseguia pensar em: o que houve nos últimos cinco anos? O que houve nos últimos cinco minutos?

Fomos para casa e no longo dia seguinte, após o último expediente da semana, encaminhei duas decisivas mensagens ao chegar na esquina rumo meu destino, ou meu passado, ou nenhum dos dois. Uma era o e-mail formalizando meu pedido de demissão do emprego, e a outra mensagem foi um WhatsApp fútil para o Malva, pedindo que não me esperasse. Se é que ele me esperava. Fui tão fria e frívola quanto as coisas que eu costumava qualificar e somente justifiquei a ele que foram bons tempos, mas tudo passa, e eu precisava passar.

PERDIDOS



Letícia Gondim Guilherme

Desperto, como todas as vezes, na minha monotonia diária. Seria um dia comum, como todos aqueles em que já vivi e presenciei, se visto por um ângulo externo. O mundo parecia o mesmo, meu quarto, na organização que lhe é característica..., mas, existia algo que era interno, aflito, em meio à seguridade que sempre mantive sólida a mim. Era um sabor amargo na boca, ao mesmo tempo doce no peito. Eu não sabia o que significava isso. Seria eu mesma se esvaindo de mim? Com esses pensamentos tormentosos, levantei-me. Uma massa de indivíduos necessitava de mim em cadeia, na condição de humana. Foi isso que me fez colocar o pé para fora da cama e sair, enquanto aquela sensação estranha tomava cada pedaço do meu ser.

Lavei-me, pus roupas formais de trabalho, tomei sucessivas xícaras de café amargo; tentei fazer tudo conforme ao que foi a mim postulado: coma, vista-se muito bem, compre, arrume um emprego e acumule o que ganhar. Múltiplas tentativas de me desligar desses raciocínios exaustivos que me consumiam nesta manhã. Porém, o café já não era o mesmo, e a falta de açúcar me fez lembrar do quanto as pessoas podem ter o potencial de serem cruéis, sendo boas para si mesmas.

Com todas essas reflexões, fui ao meu trabalho de executiva empresarial. Esse nome, agora, me soava distinto, como se eu pertencesse a um jogo que eu não possuía a menor noção onde terminaria. Peguei o elevador, com destino ao meu escritório. Nesse cubículo, entraram colegas, encaminhados e sôfregos com seus ofícios, falando um com cada um, inclusive comigo, sorrindo piegas e totalmente inertes em sua hierarquia. Mantive-me séria durante todo o percurso e, simplesmente, corri quando a porta da máquina se abriu. Como posso participar desse esquema doentio, em que felicidade é o próprio ganhar sozinho e nada fazer ou sentir?

Atordoada, um pouco ofegante da corrida e dos olhares tempestuosos daqueles que me viram nesse estágio de exteriorização de pensamento, e que, provavelmente, me consideraram louca, chego em frente ao meu escritório e procuro a chave da sala. Com uma vista embaçada, vou firme em meu objetivo. Até que uma senhora se aproxima de mim e pergunta se eu estou bem, se preciso de alguma coisa. Eu levanto meu olhar para ela, e meu cérebro se confunde com sua imagem, uma impressão longínqua de reconhecimento.

Confusa, perguntei àquela mulher se trabalha aqui. Ela dá um meio-sorriso e diz que sim, há dez anos, como secretária. Com essa informação, paro abruptamente e a senhora insiste em suas indagações. Eu digo que sim, que eu estou bem e que não, não preciso de algo. Ela sai e eu fico parada, estacada na posição do meu espanto. Eu nunca tinha fornecido a mínima atenção àquela nobre mulher, sempre preocupada com minha hierarquia. Nunca a tinha visto como um ser, porque pensava na humanidade como uma troca, como funções a serem exercidas, não como infinitudes. Senti-me ignorante, um indivíduo alienado na causa desse mundo imperfeito e nos malefícios de vivê-lo.

Nada mais fazia sentido, tudo passou a ser fatos desconexos que possuem harmonia se observados por uma lógica de desigualdade e incompreensão de suas ações. Eu pensava, e quanto mais pensava, aquele sentimento inicial parecia ser meu guia. Eu me concentrei nele, e tive vontade de sair daqui. Desse mundo, desse local, dessa inserção de crueldade fantasiada de gentileza. Eu deixei tudo, corri. Dessa vez, não mais para dentro dessa realidade que maltratava as minhas novas vontades. Não, não mais. Caminhei rapidamente para fora daquela corporação, queria um elo entre mim e algo que enobrecesse essa sensação.

Fui até minha casa, objetivando reorganizar-me para minha tentativa de desligamento. Meus trajes formais pareciam, agora, pesados, fardas da minha prisão comigo mesma. Tirá-los foi um alívio e, me olhando no espelho, vi uma espécie de determinação no olhar; meu corpo, firme e desprotegido, passava-me a impressão de desencana e procura. Como um descuido, toquei meu rosto e séria, desprendi meu cabelo e deixei-o em seu estágio de naturalidade. Sem maquiagem, descalça, coloquei um vestido leve e florido. Nesse estado, eu assemelhava ser a melhor versão de mim mesma. Meio livre, meio atordoada, mas, idealizada de pensamentos que fugiam do real, que me adocicavam e que me eram praticamente quiméricos de descrever.

Desse modo, segui, encorajada por uma força que me escapava, pés descalços e fixos no caminhar. Andei pela cidade e me perdi, pois essa sensação era dúbia, eu me desconstruía e me achava em mim, no que eu sou, na minha essência. Qual é a realidade? Eu quero, apenas, viver. Localmente, sabia onde estava e onde passaria a ir. Iria ao campo, queria raciocinar longe do que eu fui, da intoxicação do ar.

Chegando lá, estonteei-me com aquela paisagem. Era um fragmento do perfeito em meio às incertezas humanas. Como um produto do meu subconsciente, uma lágrima saltou dos meus olhos. Eu parecia pertencer àquele lugar; meu vestido, meu cabelo embaraçado, meus raciocínios... pela primeira vez em muito tempo, senti-me completa.

Deitei-me naquele bosque, refleti sobre as minhas ações até o momento. Nada era certo, a única certeza era a das mudanças, das inconformidades que culminavam no engrandecimento. Eu poderia ir além, reconhecia que a realidade poderia ser individualista e cruel, mas eu poderia ser diferente, eu possuía a capacidade de ir na contramão. Assim, deduzi que o real pode ser ilusório e desconcertante. Contudo, são as escolhas que o faz ser de verdade. Até porque, somos todos perdidos em busca de algum encaixe para continuar.

A OSTRAS E A PÉROLA



Geovani Lopes de Carvalho

Os adolescentes se beijavam com tanta voracidade que pareciam não ter medo do ônibus de repente arrancar e eles caírem ali mesmo. Lucio Flávio, de corpo esguio e coração trancado, tem 22 anos e nunca beijou ninguém. O olhar atravessa o beijo à sua frente. Lá fora, as casas perdem a cor conforme o sol se põe, mais rápido do que se pode imaginar. Já é quase noite. Ele acabou de comer, mas não está satisfeito, como nunca está. Aquele ruído opaco, para além dos fones de ouvido, é certamente a voz do professor de Economia: "Minha geração aprendeu com o sofrimento. Aos poucos, fomos criando uma casca que nos ensinou a lidar com tudo". Lúcio Flavio quase ficou orgulhoso: sua casca era tão forte que ele não se conectava com mais ninguém.

Ah, Lúcio Flávio... Para onde com esse passo torto, pisando assim nos próprios cadarços? Os livros quase caindo debaixo do braço e os óculos escorregadios sobre o suor do rosto, reforçando os olhos arregalados. Mas não faz mal. Se ele caísse ali, se se perdesse na escuridão ou se molhasse na garoa, ninguém veria. A cidade universitária parecia uma cidade fantasma. Só ele, o silêncio e a própria sombra no asfalto, pra não dizer

que estava sozinho no mundo. Para onde olhava seu olhar assustado? Quem sabe para o futuro.

O futuro é um labirinto sem fim; sem luz e sem estrela-guia, sem bússola e sem GPS, cujo início se dá logo ali, na passagem secreta atrás da última estante da biblioteca. Mas aí vem a grande questão: como se localizar num ambiente em que tudo se resume a números? Para cada número, um bloco; para cada bloco, muitas salas numeradas; para cada sala, muitas pessoas, que também são números porque não têm nomes nem rostos. Lúcio Flavio, que sempre foi de Humanas, ficou logo perdido, coitado...

Então aquilo era a universidade? A universidade, erma, escura e triste, sem gente nos corredores, sem a rebeldia adolescente que ele sempre odiou, mas que agora descobriu que era amor; dos corredores brancos e das salas com placas azuis e letras minúsculas, que ele tem que colar o rosto na parede pra ler. Dos alunos que se sentam na frente e se calam - e, como ele, prestam atenção na aula(!).

Ninguém vadiando pelos corredores, nem achando graça, se agarrando ou colando post-its nas paredes. Cada qual vestido a seu modo - blusa de alcinha, jaqueta de couro, estampa floral, jeans rasgados, macacão - e sem nenhum monitor pra encher o saco. A universidade onde todos são livres pra fazerem o que quiserem, mas ninguém faz nada, só estudam. Logo ele, que gostava tanto de estudar... O que aconteceu? Foi a universidade? A universidade organizada, triste, aprisionada, onde ninguém sente o gostinho de estar quebrando uma regra.

Aquela rebeldia adolescente parece que ficou pra trás. O sonho acabou, meu amigo. The dream is over. Agora todos são homens sérios à beira do mercado de trabalho, de terno e gravata buscando o pão de cada dia, cada um por si e Deus... E Deus?

Deus por todos. Lúcio Flavio também é um homem sério. Não tem mais o colo da mãe pra chorar. Por acaso ele ainda chora? Só por dentro - mas dentro chega uma hora que enche e transborda. Uma lágrima quase cai pelo olho direito. Suspira. Lembra do pai. Dos braços torneados do pai em torno de si, como um urso agarrando a pequena lebre.

O menino guenzo nos braços do pai, olhando para o mundo e com medo, porque o mundo é grande, e tudo o que é grande assusta. Era carnaval e os foliões ao redor dançavam, as fantasias cheias de confete e purpurina, ao som da marcha alegre e do coro das mulheres. A cidade das cores. O pai dançava com o menino no colo. "Canta Lucinho!". O menino coberto de suor, tirando a serpentina colada na cara, gemia baixinho. Cadê a mãe? Cadê? Cadê a mãe que não vem? O menino encarando cada rosto, cada máscara medonha, era como o rato diante da ratoeira. Ia dizer alguma coisa, mas o pai virava a cara. Com olhos de Medusa, o pai virava a cara e não ouvia.

Até que a morte foi se aproximando, com sua capa preta, sua foice e rosto de caveira. A morte estava ali, dançando alegremente diante do menino de olhos marejados. Lucinho queria correr, mas o pai não deixava. "Calma! Calma! Ele não vai te fazer mal!". O menino se debatia no colo do pai, e o pai ria como se estivesse no céu, da ingenuidade do filho chorão. O riso do pai e o choro do filho se misturavam harmonicamente naquela horda de sons, como se tivessem sido feitos um pro outro. "Calma, Lucinho! Homem não chora!", o pai dizia, mas o menino não parava. Era o mais claro enigma: Como pode Deus ter feito uma coisa dessas? Querer reproduzir um suntuoso castelo de pedra numa insignificante maquete de areia? Era caso perdido. Não se transforma areia em pedra. Lucinho não era como os outros meninos que queriam crescer rápido e criar barba. Não, Lucinho quer colo. Lucinho quer uma mãe pra chorar.

Mas agora Lucinho já tem 22 anos e é um homem adulto. Nunca beijou, mas é adulto. Que susto... já é adulto... O ônibus parou de repente e os adolescentes já não se beijavam. Lúcio Flávio, cabisbaixo, menino guenzo, frio, desce em direção à universidade. Homem feito. Lúcio Flávio, futuro doutor e homem de negócios. Nunca beijou.

CARTA PARA MIM



Herbert Gomes

Como saber se estamos dormindo ou acordados? Como diferenciar quando somos nós ou não a realizar tal ação?

Dormir é considerado por muitos como uma das grandes maravilhas do mundo, devo concordar, é bom mesmo, mas melhor ainda é sonhar, principalmente com coisas que gostamos quando estamos acordados, pois lá tudo torna-se possível e bonito, tudo é “real”. Dependendo de sua imaginação, você poderá ter o melhor ou pior sonho com aquilo que acabou de ver ou ler.

Apesar de gostar de dormir, nunca fui bom arte de adormecer rapidamente, pois sofro de insônia; às vezes estou tão cansado que o sono demora a vir. E quando falo de sonhos, esses demoram a surgir ou se quer lembro deles. Não por falta de tentativas. Dizem que anotar até os pequenos detalhes em um caderno ajuda a exercitar a memória e lembrar destes e dos posteriores; boa parte desses métodos foram tentados, tanto que deixamos até de usá-los, decidimos apenas deixar rolar e torcer para lembrar de todos.

Tentar interpreta-los foi algo que também abandonei, creio que para muitos isso deve ser igual, pois eles não fazem sentido

(alguns deles), é como se não encaixassem e só estivessem ali para completar nossa noite de sono.

Sempre fui de brincar com os amigos, sair para algumas festas, não para beber demais, pois isso atrapalhava na hora de dormir, não é que não desce sono, mas sim o mal estar da bebida e a sensação do mundo girando, dois agravantes que me deixavam acordado para poder não vomitar o quarto todo.

Recentemente estamos tendo sonhos um pouco mais longos do que de costume, nada exagerado, apenas como se fosse o dia a dia da nossa vida, mas em sonho. Um deles foi que chamou à atenção, pois sonhei que estava dormindo (como falei, fazendo coisas do nosso dia a dia), estava no apartamento no qual havia uma cozinha americana, com uma pequena bancada de dois andares que separava ela de uma pequena sala que já dava de frente com a porta de saída e logo mais à frente estava o banheiro. E na direção contrária da porta de saída ficava a porta do quarto, mas o mesmo por dentro possuía uma pequena curva evitando que a intimidade do quarto fosse vista para quem entrasse no apartamento.

Rede era o ambiente de descanso, mas estava estática, por algum motivo deixava o sentimento de medo aflorado, não sei explicar o porquê, mas esse sentimento surgiu.

Em uma noite, deitado na rede, senti aquela pouca claridade em todo o quarto, quando abro os olhos percebo que a luz do banheiro estava acesa. Sento na rede e falo comigo mesmo em voz alta

— Será que deixei a luz acesa depois do banho? Mas eu sempre apago! – isso olhando para banheiro.

Nestes poucos segundos de conversação abaixo a cabeça para enxergar as sandálias e vejo que a fraca luz ficou um pouco obstruída, como se a porta do banheiro estivesse fechando, quando levanto a visão para ver o que é ... é algo corcunda, não como se tivesse defeitos físicos, mas sim como se sua postura fosse aquela, braços logos e finos, – como se fome estivesse passando a dias –, ambos apoiados no chão, uma espécie de apoio, suas mãos e dedos eram grandes, grandes o suficiente para pegar uma bola de futebol com uma só mão como se fosse uma bola de tênis, pernas dobradas e finas, como os braços, pés grandes e largos. Seu corpo estava completamente sujo de lama e despido. Era uma mulher, mesmo sem ver suas partes íntimas ou seios, era como se nós a tivéssemos visto antes, cabelo curto e cheio de lama também, seu tom de pele era azulado, como se tivesse passado bastante frio e continuasse dentro da água. Todo aquele ser, só por estar ali, deixou nosso corpo paralisado, mas o que mais assustava era o seu rosto, seus olhos estavam apenas as orbitas assim como o nariz apenas a cavidade, como se o interior do crânio fosse oco, não possuía lábios, mas mantinha a boca fechada como se tivesse pele para cobrir os dentes, o que tornava mais bizarro. Então veio a surpresa, aquela mulher correu em nossa direção esticando os braços e abrindo a boca, a qual quase não tinha dentes, e quando estava prestes a agarrar acordei. O sol batia na janela e refletia em nossa cara, era manhã, estávamos salvos. Depois de respirar olhei para o lado contrário a porta do quarto e vi uma outra mulher, mas essa não era bizarra, possuía os cabelos negros e a pele alva, até demais para um ser humano. Não tinha medo e também, de alguma forma, ela era conhecida.

Ela: — Você tem que acordar! – A voz dela parecia distante, mesmo com ela do lado da rede e alisando o meu cabelo

Eu: — Mas eu já estou acordado! Veja o sol, a luz do banheiro está realmente apagada.

Ela: — infelizmente foi eu que o puxei para aqui. Vá e acorde agora.

Eu: — Mas eu estou acordado!!

Foi quando percebi que do quarto só havia a janela, e a rede, não havia parede, era como se ela surgisse e depois deixasse de existir. Foi quando fechei os olhos e forcei em minha mente a frase: “EU QUERO ACORDAR”. Não funcionou de primeira, mas forcei ainda mais, como se levantasse um peso do meu corpo, foi aí que acordei, era de manhã cedo, cerca de umas 07h, ou seja, aquele restinho de frio ainda da madrugada, mas meu corpo estava completamente suado, mesmo com o ventilador ligado no máximo, a sensação era de ter passado a noite trabalhando no pesado, braços fadigados e pernas dormentes, como se toda a energia do corpo fosse sugada.

Passamos o dia comendo e bebendo água, buscando a hidratação.

Com o passar dos dias os pequenos sonhos foram mais vividos, mais táteis, por assim dizer, pois em todos de alguma forma eu acordava com alguma sensação estranha, mentalmente falando, como se uma mensagem fosse esquecida ou um objeto perdido e fisicamente, corpo dolorido ou transpirando.

Um dia quando estávamos tão cansados, que a única coisa que desejávamos era deitar e dormir. Mas a mania de banhar antes de dormir não deixava a nossa mente, só após ele foi que deitamos.

Mesmo em está cansado com esse tipo de situação procurávamos sair com os amigos em baladas, bares, ir na casa deles, para justamente procurar momentos felizes que fizessem os sonhos ruins serem esquecidos ou serem substituídos por novos vindos dessas memórias boas com pessoas que gostamos. E funcionou

novos sonhos vieram, era possível sorrir neles, abraçar, correr, etc. Os sonhos ruins começaram a diminuir ainda mais, não que eles desaparecessem, eles viam e era comum acordar para sair deles. Pareciam ser uma memória ruim do passado e que deveriam ficar por lá.

Em uma noite estávamos saindo de uma festa, com uns amigos e pegamos o carro de algum deles, não lembro qual, mas era branco, estilo sedan e dentro dele estava eu e mais dois amigos. Você estava no banco de trás. Em algum momento da viagem, em meio a tantas brincadeiras, nos perdemos da cidade de alguma forma. Era uma estrada rural, terra vermelha batida e cheia de buracos, andamos mais alguns quilômetros de carro e paramos, pois não havia uma só pessoa ou casa que nos desse uma ajuda ou informação. Do lado esquerdo do carro tinha uma pequena descida de barro ao olharmos até o final dela, vimos pequenas luzes acesas, resolvemos descer para pedir ajuda. Cada vez que íamos descendo era como se o ambiente ao nosso redor fosse ficando mais escuro e aquelas pequenas luzes eram nossos guias. Quando chegamos ao final da descida, vimos que era uma pequena capela, com poucas velas em pedestais fixos nas paredes, duas no total e que estavam por apagar. Nossos amigos ficaram felizes, ao menos tínhamos onde dormir a noite, mas nossa mente dizia “NÃO” para aquele local, que devíamos sair dali o mais rápido possível. Foi quando tentei orar, mas então as velas apagaram e tudo ficou cinza, amigos correndo e você parado e imóvel, tudo que sentia era que algo estava em suas costas, pedindo permissão para entrar em sua mente, mas você nega e aquilo entra de toda forma em seu corpo, não existe mais você, você vê tudo de fora, mas sente tudo que ocorre ao seu corpo possuído, aquela coisa rir sarcasticamente e fala

— Abissal: HAHAHA, NADA DO QUE FIZER TERÁ EFEITO, VOCÊ É MEU!

Aquele ser está a tanto tempo escondido nas trevas que não reconhece mais o corpo humano, sua forma é de uma criatura animalesca, pois ele perdeu suas memórias passadas de quando era humano também. A visão daquela possessão é aterrozante, seu corpo é contorcido e movimentado em posições e direções que é audível os ossos quebrando e a carne sendo rasgada. Seu joelho é exposto com um chute violento da criatura, seus dedos são esticados ao ponto de a pele rasgar e apenas os músculos surgirem, é um extremo do contorcionismo humano. Você fecha os olhos e chora, tenta repetir: É UM SONHO, QUERO ACORDAR! Mas tudo que recebe ao abrir os olhos é mais dor e seu corpo sendo esquartejado. Novamente faz força para acordar e sente que agora controla parte do braço mutilado e rasgado, você atinge sua têmpora com o polegar e fura a carne com seu próprio osso do dedo. Finalmente está desperto, está na rede, mente consciente, mas então vem a dor lancinante por todo o corpo, você percebe que seu corpo está todo contorcido, não ao ponto de quebrar algum osso, mas como se tentasse imitar a posição da forma animalesca do Abissal. Sente que o lençol de sua cabeça está úmido, talvez pelo suor, pois todos os sonhos ao acordar foram assim, mas teve o furo da têmpora. Você pega o celular e liga a lanterna no lençol, ele está vermelho, procura o buraco da têmpora e lá está ele, não fundo como o do sonho, mas sim com a unha, um corte do tamanho da unha do polegar.

Deixarei essa carta em um local fácil, pois a necessidade de encontrá-la deve ser rápida e simples, até porque nossa vida depende disto. Em nosso quarto há um pequeno quadro de nosso desenho preferido, ou seja, ninguém toca, até porque ele o acalma em todas as vezes que o observar, como se por nostalgia ou apenas alegria fizesse o tempo parar e olhar para o desenho fosse a coisa mais feliz do seu dia, tirando todo o cansaço e estresse de um dia cansativo e cheio de conversas vazias e sem conhecimento. Colocarei ela por trás dele, já que ele possui

um vão vazio por trás da tela. Você a terá todo tempo perto, sempre a procure em qualquer dúvida que tiver ou necessitar.

Mas então sua pergunta é: a carta é para mim, mas o que vi são apenas relatos de pesadelos, o que tem demais nisso? E eu respondo: Você consegue sentir seu corpo, consegue sentir o tato de tudo que toca? Consegue sentir que está realmente em seu quarto? Se a resposta for sim, você está no caminho certo. Mas tenho mais uma última pergunta, consegue sentir o furo da tampa? Caso não, procure uma nova saída, pois você ainda está sonhando e o Abissal te possuindo.

CAMINHANDO NO SONHO



Adla Kellen Dionisio Sousa de Oliveira

Mata fechada à direita e casas à esquerda. Não se ouve choros nem falas. Nessas casas devem morar famílias pequenas — pensei alto. Ao lado sai um homem que segue na rua com o telefone no ouvido. À direita vi escrito: chácara do vô Manuel. Árvores, duas entradas, iluminação, parece um parque para caminhar. Estranho. Ao lado se lê: chácara do vô Juca. Muito avô nessa rua, penso. Esses nomes são legais, esses vôs também devem ser legais, seus netos devem adorar vir para essas chácaras com espaço e árvores para brincar.

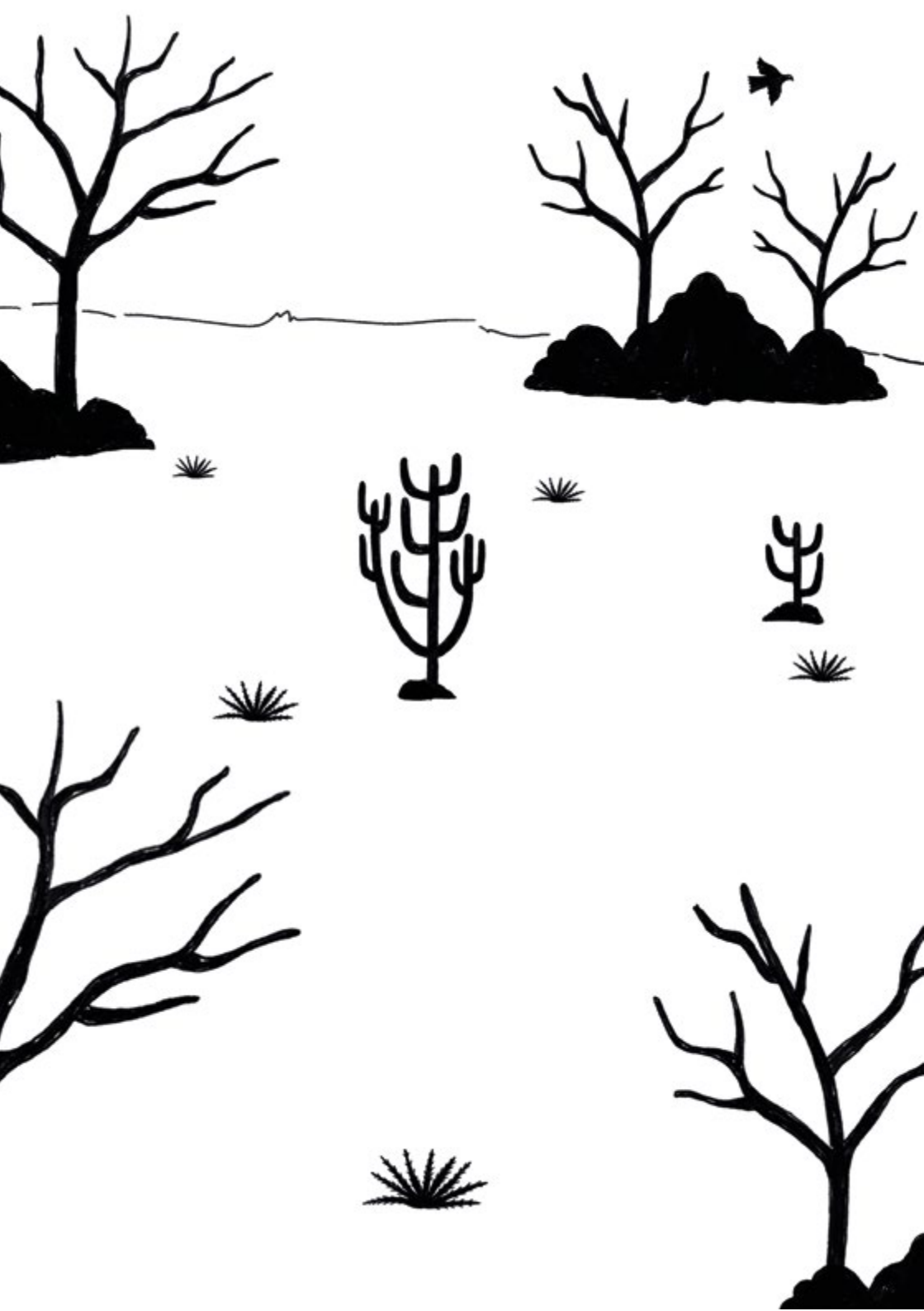
Prossigo na rua enquanto devaneio essas histórias. Acho estranho que ninguém sai daquelas casas, exceto aquele homem, uma galinha e seus pintinhos — que a seguem. Continuei caminhando na rua. À esquerda está o conservatório, estão tocando *Nuvole Bianche* de Einaudi.

De um lado uma casa com portões abertos, parece ter mais de uma casa dentro do mesmo terreno, do outro lado da rua a mesma coisa. Essas pessoas devem ser da mesma família, só pode. Será que se dão bem? Será que gostam de morar juntas? Na primeira casa há uma mulher batendo um tapete. Deve ser o tapete de entrada da casa. Quanta poeira, deve ser da

rua e do terreno sem grama. Ao lado há uma casa com vários cachorros com roupinhas. Deve ter feito menos de sete graus à noite, eu mesma dormi com duas mantas. Eles latem. À direita terrenos abandonados e a continuação da mata fechada. Meus passos quase cessam. Retorno e passo em frente a todos os locais. Os cães já me reconhecem e permanecem deitados. Apenas um violino desafinado faz música no conservatório. O homem não está mais lá, nem a galinha com seus pintinhos.

Na noite posterior pensei que poderia explorar outras ruas. Mas, decidi voltar. Qualquer que tivesse sido minha estrada exploratória, aquele caminho me encantou por tudo o que havia e não havia ali. Queria passar em frente àquelas casas peculiares onde apenas se vê um homem, uma galinha e seus pintinhos, os pássaros voando no céu, o ranger das folhas das árvores e os cachorros da última casa.

Eu poderia morar ali naquela rua lúdico, quem sabe em uma das chácaras dos vós, com espaço e árvores. Aquela rua me afetava, me sentia como as folhas agitadas pelo vento, jogada de um lado para o outro, tentando me entender no meio daquelas casas, pessoas e pintinhos.





Este livro foi composto nas tipografias Mestiza e Capitolina.



MA
1º CONCURSO
CAM
LITERÁRIO DA EDUFERSA
BIRA


edufersa

